

## CAPÍTULO 2

### AS PAISAGENS DO BAIRRO LAMI, NA CIDADE DE PORTO ALEGRE (RS): BUGIOS E FIGUEIRAS NO MUNDO URBANO CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>

Flávio Leonel Abreu da Silveira

#### Introdução: As paisagens do Lami, ressonâncias gauchescas

A intenção neste capítulo é de contribuir para o debate sobre as relações entre humanos e não-humanos na cidade de Porto Alegre (RS), especialmente no bairro Lami, e a co-participação criativa dos entes nas paisagens da urbe, que noutra momento chamei de coexistenciais (Silveira, 2016). Minhas reflexões partem de certo aporte da antropologia urbana<sup>2</sup> e pensam a cidade praticada, porque vivida (Certeau, 1997), palmilhada nos itinerários urbanos (Rocha; Eckert, 2005) e trajeções (Berque, 1987; 2000) dos sujeitos, enfim, como motriz e efeito das forças do imaginário urbano<sup>3</sup>. A experiência de cidade tensiona o mundo da vida<sup>4</sup> de seus habitantes humanos e não-humanos - entre formas objetivas e subjetivas/sociedade(s) e indivíduo(s) - na configuração das paisagens urbanas.

1 O texto em questão resulta da pesquisa de Pós-doutorado Sênior (2018-19) junto ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) e Navisual (Núcleo de Antropologia Visual), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob supervisão de Cornelia Eckert e Ana Rocha. Sou grato ao CNPq pela concessão da bolsa de pesquisa.

2 Neste estudo, aproximo-me de Gilberto Velho (1987; 1994; 2011) e de Ruben Oliven (1980; 1996), assim como dos trabalhos de Ana Rocha e Cornelia Eckert (2005; 2013), ou ainda, de certa abordagem antropológica sobre a cidade que oferece o tom do diálogo com outros campos, como a sociologia, a ecologia e a geografia, por exemplo.

3 As reflexões que proponho neste capítulo desdobram-se dos meus interesses de longa data pelas relações (tensionais) entre culturas e naturezas no contemporâneo, sobre memórias e imaginários ligados às paisagens em transformação. Cotejei várias nuances destes temas em diferentes trabalhos (Silveira, 2004, 2014, 2016). Sendo assim, opero no texto mais livremente. Para o artigo, cito basicamente a bibliografia que utilizo diretamente no texto.

4 Mundo da vida que, seguindo Schutz (1979), e considerando as leituras de Ingold (2000) e Barber (2017), refere-se aqui às experiências humanas e não-humanas vividas no cotidiano dos engajamentos interespecies, praticadas (evocando Certeau, 1997), apresentando dimensões pragmáticas e intersubjetivas de coexistência de seres nos lugares. Barber coloca, ainda, que a importância da noção de empatia, de Husserl, o elemento co-presente nas consciências em relações humano-animal (mais especificamente de ligação empática com os animais), seria uma experiência distinta, no sentido de particularizada. Trata de como afetamos os animais através de nossas agências e os incluímos numa província de significados, enquanto somos interpretados mediante idiossincrasias e mundos-próprios animais (retomarei o tema mais adiante). O mundo da vida (rur)urbano, neste texto, tem o sentido de experienciar as formas de entrelaçamentos sensíveis dos entes com os lugares praticados e suas ambiências na cidade. O mundo da vida é um mundo de intencionalidades negociadas entre os seres num contexto de ecologia(s) urbana(s), de “campos de possibilidades” que se apresentam no cenário das intersubjetividades multiespecies, em paisagens conflitivas, num ecossistema de ideias e imagens plurais

A proposta do estudo volta-se aos entrelaçamentos biossociais que evidenciam um estar-junto multiespécies<sup>5</sup> configurador de paisagens regionais detentoras de auras, atmosferas repletas de ambiências, nichos e refúgios, evocando constelações de imagens de longa duração, mnemônicas. São imagens locais diversas de forte assento biocultural - uma «ecologia das ideias» (Bateson, 2000) e de entes que mobiliza imagens campeiras, por exemplo<sup>6</sup> – que encontram no Lami, localizado na estre-madura sul porto-alegrense, tanto a presença dos «quadros de memórias» (Halbwachs, 2006) quanto os «quadros de natureza» (Humboldt, 1952) interligados. Nestes termos, interessam-me os lugares que ocupam as memórias e as imagens de pertença a « coletivos híbridos »<sup>7</sup> para a conformação do que chamarei aqui de um *mundo da vida vivida de coletivos mais-do-que-humanos na cidade*, na porção austral porto-alegrense.

Neste sentido, interessam-me as configurações de paisagens citadinas a partir de suas tensões com o mundo rural e, mais especificamente, suas interfaces com os estudos das « memórias ambientais »<sup>8</sup> de certos coletivos humanos e do imaginário. No que tange às expressões imaginárias, é preciso dar atenção às figurações simbólicas das espécies ameaçadas de extinção<sup>9</sup> e suas implicações para um contexto de proteção (suas imagens carismáticas no mercado simbólico da conservação),

---

5 Ver Rabinow (1991); Ingold e Palsson (2013); Maffesoli (1987); Velho (1984).

6 A presença do gado nos campos e matilhas, dos galpões sob figueiras, dos cavalos como espécie companheira e de trabalho, além do mate diário, são formas cotidianas que oferecem um tipo de imagem emblemática, certa expressão gauchesca ao lugar.

7 Utilizo o termo a partir de Lestel (1998), mas com proximidades ao pensamento de Haraway (1989; 2010), no sentido de pensar grupos interespécies (com interações mais localizadas), ou multiespécies (interações com abrangências mais amplas), que produzem laços práticos e sensíveis, ou certos ajustes condutuais (Maturana, 1978; 1992) entre existentes diversos e seus meios, no derivar juntos pela cidade ciborgue (Swyngedouw, 2001), no Lami, considerando as suas feições rururbanas.

8 No meu ponto de vista, o campo das memórias ambientais nos conduz a reflexões sobre as formas sociais mais-do-que-humanos na urbe que duram no tempo. Força-nos a ampliar as maneiras pelas quais pensamos o socius, abrangendo as socialidades que evocam ecologias múltiplas e vinculam sensivelmente humanos, não-humanos e sobre-humanos entre si. São interagentes nas feições das paisagens ao longo do tempo, de suas auras. Têm identificações com determinadas marcas, figurações e construtos mestiçados/hibridizados em lugares de co-pertencimento. Paisagens detêm memórias socioambientais que mobilizam as imagens entrelaçadas às matérias nos espaços. Figuram como memórias nos lugares. Há dinamismos transfiguradores das formas que rearranjam os conteúdos no tempo, as dimensões da vida em sociedades multiespécies nas cidades, como ecossistemas socioculturais que experimentam tensões entre lembranças e esquecimentos nos lugares, onde coexistem alteridades mais-do-que-humanas numa duração citadina. A ideia de uma memória ambiental implica, na verdade, um conjunto heterogêneo de experiências socioambientais no espaço-tempo das paisagens atravessadas por vivências, dramas sociais, quando não de tragédias, que (re)configuram, para o caso das cidades, as dinâmicas da ecossistêmica urbana.

9 O espectro da extinção é variável e suas manifestações podem ser locais, de abrangência mais ou menos regional/nacional. Enfim, pode implicar desaparecimento num sentido mais global e fulminante de um existente, uma perda no devir das paisagens. Nos termos de Bateson (1990), com uma extinção perder-se-ia um “padrão que une” a outros diversos, manifestações biosemióticas de comunicação entre os existentes no âmbito planetário, um elo de interações mais ou menos implícitas do vivo.

que mobilizam representações associadas às experiências concretas de praticarem os lugares sob ameaça de desaparecerem.

As “formas sensíveis” (Sansot, 1979) de vivenciar e constituir os lugares praticados (Certeau, 1997) – e as ambiências como expressões de refúgios, de lugares de abrigo e sociação – desdobram-se dinâmicas no formismo transformador/transfigurador das paisagens metropolitanas. Os lugares praticados desde outrora no Lami chocam-se com as lógicas desenvolvimentistas ao longo do tempo, especialmente aquelas geradoras de impactos socioambientais no contemporâneo, tensionando as áreas destinadas à conservação do biodiverso.

É preciso considerar os paradoxos inerentes aos avanços das cidades sobre os lugares dos outros não-humanos, dos ecossistemas altamente fragilizados, indicando uma ecologia do vivido com dilemas ético-morais, mas também de certos dilemas na duração de formas tradicionais e memoriais. Enfim, refere-se a uma crise socioambiental complexa porque atravessada por uma série de problemas de todas as ordens (a ameaça da febre amarela sempre pairando sobre os primatas<sup>10</sup> e, em 2020 a pandemia de covid-19, o aquecimento global, os ciclones e os alagamentos), que colocam em evidência os dramas sociais nas interações entre humanos e não-humanos no extremo sul porto-alegrense, a sua ligação com os dilemas globais.

As paisagens sulistas são muito heterogêneas. Suas feições fito e zoogeográficas associadas ao relevo delinearão fâcies diversas pelo contínuo trabalho lapidar do tempo, pois o contexto biogeográfico gaúcho revela-se uma zona de contato tensional entre formas vivas, configurando um conjunto de lugares friccionados que engendraram, diante das condições geomorfológicas e climáticas, condições para o surgimento de arranjos ecossistêmicos singulares nesta porção brasileira. No plano das experiências humanas no decorrer do tempo, a região experimentou dinâmicas socioculturais e econômicas que foram marcadas por fricções interétnicas (Cardoso de Oliveira, 1976) entre coletivos humanos nativos (grupos indígenas de diferentes etnias tomados como empecilhos à ocupação do espaço) e exógenos (europeus conquistadores/colonizado-

10 Ouvi da bióloga Soraya Ribeiro, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAM) de Porto Alegre (PoA), que a febre-amarela não teria atingido os bugios do Lami nos últimos anos (desde o início dos anos 2000 há registros de mortandade de primatas no estado), porque o lago Guaíba teria funcionado como uma barreira geográfica ao vírus. O tema será motivo de um artigo oportuno.

res<sup>11</sup>; coletivos negros diaspóricos, subalternizados pelo escravagismo; outros povos migrantes que uniram esforços na ocupação), envolvendo, assim, processos civilizatórios de apropriação do espaço.

As feições atuais das regiões sul-riograndenses, “a fisionomia geral da paisagem”, nos termos de Balduino Rambo (2005 [1954], p.13), apontam para o fato de que a nossa vida intelectual, volitiva e emocional está estruturada de imagens, lembranças, situações concretas radicadas na paisagem”. O contexto gaúcho seria o resultado de processos friccionais que mesclam tanto dinâmicas evolutivas quanto históricas.<sup>12</sup> Ele seria um esforço cósmico de durar no tempo, desdobrado na duração de dinâmicas bioculturais contemporâneas, energizadas por temporalidades agitadas que estendem suas forças transformacionais, mais ou menos turbulentas, mas nunca destituídas de certo repouso, sobre o solo das escolhas humanas em relação aos outros entes vivos. Entendo o contexto gaúcho como uma zona de tensão biocultural onde o Lami é uma das suas feições paisageiras e espaço das trajetões humanas (Berque, 2009).

Tais características regionais apontam para o fato de que, pelo menos desde o século XVIII, inúmeros viajantes que percorreram a porção austral brasileira têm se interessado em descrever seus aspectos fisionômicos, revelando uma malha hídrica e geologia singulares, mapeado seus recursos. Mais tarde, a Província de São Pedro ocuparia a atenção de naturalistas europeus que cruzaram seus espaços no decorrer do XIX até a primeira metade do XX. Saint-Hilaire, Bonpland, Avé-Lallement, Lindman, entre outros, apresentariam cenários importantes, com descrições minuciosas de fauna e flora para o entendimento das assimilações e acomodações dos entes aos processos de formação e transforma-

---

11 O Sistema de Sesmarias que iniciou o parcelamento do solo na região desdobrou-se na zona sul da capital e desembocou no aparecimento de propriedades de grupos familiares, que abrangiam quase toda a área considerada como sendo o Lami, como é o caso da família Bernardes, por exemplo. O Lami adquiriu novas dinâmicas a partir da venda e repasse de terras por herança, que contribuíram na promoção do parcelamento irregular da área, como ouvi diversas vezes. Sobre o lugar “dos Bernardes” neste processo, ver Rechenberg (2007).

12 A ideia de tensão ecológica que identifica a região gaúcha brasileira pode ser entendida, grosso modo, como a existência de um grande ecótono (ou um espaço de proliferação deles), de fluxos de conteúdos e formas, onde zonas (trans)fronteiriças entrelaçam ao longo do tempo ecologias próprias às « naturezas naturais » (Descola, 2001; 2011) àquelas de uma simbólica de imagens, ligadas ao « trajeto antropológico » (Durand, 1989), colocando em relação tensional tanto elementos naturais heteróclitos entre si, quanto culturais, capazes de gerar formas de co-construções de nichos, uma natureculture específica (Fuentes, 2010) vária nos seus biomas, no âmbito nacional.

ção das paisagens austrais ao longo do tempo<sup>13</sup>. Figuras como Rodolph von Ihering e padre Rambo foram fundamentais para a descrição da biodiversidade gaúcha, fornecendo informações valiosas sobre os bichos neotropicais que circulam pelas paisagens campeiras, banhados e “matinhas alegres”, para usar “uma imagem feliz” (Bachelard, 1988), evocada pelo sacerdote quanto à presença arbórea nos espaços sul-riograndenses.

O município de Porto Alegre insere-se neste contexto de significativa riqueza biodiversa que tensiona formações vegetais, especialmente, os biomas Mata Atlântica e Pampa, produzindo paisagens únicas no país. Há que se considerar, ainda, os avanços migratórios de espécies de origem amazônica, chaquenha, andina e patagônica que se encontraram na região mediante vias migratórias distintas, constituindo a variedade vegetacional que compõe as florestas, campos (no topo dos morros graníticos, inclusive), áreas úmidas, restingas, entre outros (Menegat; Porto; Carrao, 1998). Tais características botânicas associam-se à diversidade faunística e à presença de longa data de coletivos indígenas que manejavam ditos elementos a partir de cosmologias específicas. Dinâmicas violentas de conquista e formas diversas de colonização contribuíram para os seus cenários atuais.

A cidade de Porto Alegre experimentou, desde o século XVIII, formas de expansão sobre as diversas áreas do seu entorno imediato (a ampliação da malha urbana sobre zonas “disponíveis” em seu território, dentro dos limites municipais), assim como para além dele - o processo de metropolização capitalista, que amplia urbanizações, criando cenários e pauperizando paisagens, instituindo estruturas de poder (Zukin, 2000), como os condomínios horizontais voltados às classes altas. Empreendimentos de todos os tipos redefinem, física e simbolicamente, os territórios praticados por coletivos distintos (biossociais/humanos/não-humanos/vegetacionais/humanimais) no contexto de Porto Alegre. Ampliam os espaços de ocupação humana associados ao parcelamento do solo de forma desordenada, ligando-se aos usos pouco prudentes das águas que fluem e atravessam a cidade.

---

13 Para a elaboração de minha tese de doutorado, realizei pesquisa etnográfica na porção noroeste do estado do Rio Grande do Sul (Silveira, 2004), quando busquei compreender aspectos deste processo de transformação das paisagens ao longo do tempo no contexto das Missões sul-rio-grandenses, a partir de narrativas (“causos”) envolvendo diversas formas de pertença aos lugares praticados por moradores da região. Em diferentes momentos deste estudo, as reflexões da tese emergem transfiguradas, já que, no meu ponto de vista, existem elementos que a aproximam deste estudo que agora apresento.

Os desdobramentos geopolíticos e sociais dos processos de urbanização, nem sempre planejados e ligados à expansão das cidades medianamente a ocupação de terrenos, são as formas conurbadas de aglomerações urbanas, que juntam regiões numa malha contínua – como é o caso da Grande Porto Alegre. Estão relacionadas a obras de expansão viária vinculadas ao crescimento do espaço urbano, dos setores industriais e/ou comerciais em zonas mais afastadas<sup>14</sup>, às apropriações do espaço pela demanda de novas habitações (a partir de loteamentos regulares ou não) e que movem a especulação imobiliária em direção às áreas de preservação permanente (APPs), como encostas de morros, campos, regiões de várzeas e próximas de recursos hídricos, por exemplo, avançando sobre os ecossistemas regionais e colocando em risco o biodiverso presente no município, na cidade<sup>15</sup>.

O bairro do Lami, situado às margens do lago Guaíba, com seus traços fisionômicos e culturais no cenário porto-alegrense, é associado a lugares remotos em relação ao centro<sup>16</sup>. Hoje figura como um logradouro rururbano na capital gaúcha. O Lami é uma dessas localidades cuja duração de devires paisageiros, as memórias do bairro, dão conta da agitação das camadas do tempo que se associam às longínquas transformações fisionômicas, aos formismos que delineiam feições de lugares praticados<sup>17</sup>. Existem processos conflitivos, tensões de esquecimentos e lembranças, adesões a imagens que fazem do bairro um lugar pulsante

---

14 A região metropolitana, pelo menos de Porto Alegre até Novo Hamburgo, é um adensamento urbano. Do interior do metrô de superfície, é como ver uma paisagem urbana contínua que borra os limites das cidades. Por outro lado, o asfaltamento da estrada entre Belém Novo e Lami, que remonta os anos 70, impulsionou o processo de parcelamento do solo na zona sul da capital, acompanhado do crescimento do comércio nesse bairro. Há uma série de problemas socioambientais, entre eles os que ligam as péssimas condições de moradia em zonas de várzea a desmatamentos seguidos de enchentes.

15 Outro aspecto desse processo é a pouca, ou nenhuma, presença de áreas verdes urbanas que produzam certo conforto/saúde ambiental àqueles que vivem nas grandes metrópoles brasileiras contemporâneas, aspecto em que Porto Alegre, na verdade, é uma das exceções. No Plano Diretor de Arborização Urbana de Porto Alegre (2007, p.7) aparece que a capital do estado “destaca-se pela imponência da arborização contida no ambiente urbano, sendo uma das cidades com maior índice de área verde por habitante do país”.

16 Ainda que o Lami diste cerca de 40 km da zona central da cidade de Porto Alegre, o extremo sul do município sempre foi encarado como uma área mais afastada à beira do Guaíba, de difícil acesso por estrada – onde andavam carretas de bois -, situado além de um bairro como Belém Novo, lugar marcante no imaginário citadino pela presença de seus balneários e pelo gosto do contato com as águas. Sobre Belém Novo como espaço de refrigeração e balneabilidade no contexto porto-alegrense do século XX, ver Garcia (2017). Sobre os temores e os gostos pelas águas, pelas praias, a balneabilidade, ver Corbin (1989).

17 A dissertação de Fernanda Rechenberg (2007), o trabalho de Adriana Neves (2015) sobre o casarão dos Bernardes e o documento produzido por Bárbara Gonçalves (2019) para constar no Plano de Manejo da Rebio do Lami – José Lutzenberger, são elementos importantes sobre os quais ancorei minhas considerações sobre o Lami. A dissertação de Clarissa Garcia (2017) sobre Belém Novo, bem como as discussões em torno dos dilemas socioambientais relacionados ao Arado Velho, contribuí igualmente para o entendimento de uma região mais abrangente no sul de Porto Alegre.

de relações ecológicas rururbanas, atravessado por assimetrias e situações que envolvem antigos e novos moradores. São, inclusive, formas pelas quais as paisagens se desdobram no tempo (vivido, pensado, memorado), na medida em que são praticadas e modificadas - e seus conteúdos invariavelmente (re)arranjados, com impactos diversos sobre não-humanos que praticam lugares conosco.

## O Lami no contexto rururbano porto-alegrense do extremo sul

O município de Porto Alegre apresenta uma área de 476,30 Km<sup>2</sup> e experimenta intensa ocupação urbana sobre o território. Isso representa a metropolização de seus espaços (bairros, zonas, distritos) em direção ao extremo sul da capital, área que ocupa um lugar biogeográfico importante no município. Revela ecossistemas em espaços de tensão ecológica, já que a região possui feições *sui generis* quanto à distribuição/encontro dos biomas Pampa e Mata Atlântica em âmbito estadual. O Lami representa parte do cenário biodiverso do contexto brasileiro.

As condições de relativo afastamento do Lami das regiões mais centrais da cidade associam-se à forte presença de debates sobre temas ambientais desde, pelo menos, os anos 70 do século passado. Essas polêmicas, voltadas à preservação dos ecossistemas no extremo sul da capital gaúcha e no município vizinho de Viamão, foram materializadas nos embates travados para a efetivação das Unidades de Conservação (UCs)<sup>18</sup>, presentes num conjunto heterogêneo de áreas relativamente conservadas no extremo-sul de Porto Alegre/na região de Itapuã (Viamão).

Essas áreas urbanas e rururbanas, com graus diversos de fragmentação e proteção, além de algumas UCs criadas no município, permitem

---

18 Tais discussões continuam presentes no cenário da capital, mobilizando coletivos urbanos em torno de uma ecologia política de feições heterogêneas, como atestam os embates contemporâneos sobre a preservação da Ponta do Arado, por exemplo, associada à luta por território pelos Guarani. As batalhas levadas a cabo por ambientalistas locais – primeiramente, junto à AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção Ambiental), com figuras como José Lutzenberger, Augusto César Cunha Carneiro (cujo nome figura na Casa Verde, sede da Rebio Lami), entre outros - contra o desmatamento das formações vegetais nativas, a caça indiscriminada de espécies da fauna regional e da extração de rochas (especialmente do granito rosa), com a consequente descaracterização dos morros da região de Porto Alegre e Viamão, entre outros temas polêmicos à época, possibilitou o surgimento de áreas voltadas à preservação da biodiversidade gaúcha dentro de uma lógica que, até certo ponto, via o humano como sinônimo de degradação ambiental, produtor de « ações antrópicas », transformadoras das « paisagens naturais ». Eram tempos de preservacionismos radicais. No entanto, tais agências se desdobraram na criação, em 1975, da REBIO do Lami, bem como no do Parque Estadual de Itapuã (processo que se estenderia de 1973 até 1987). Ao longo dos anos 80, foi criada a CLEPEI (Comissão de Luta pela Efetivação do Parque Estadual de Itapuã - PEI), que desempenhou papel importante na sua existência como UC, assim como o Projeto Macacos Urbanos, voltado à pesquisa e à conservação de populações de bugios-ruivos (*Alouatta guariba clamitans*) no Lami, Morro São Pedro e Itapuã, por exemplo.

que ecossistemas e populações ameaçadas de diversos coletivos mantenham variados e complexos sistemas de interações ecológicas em espaços alterados que, grosso modo, se estendem numa faixa que vai do Parque Municipal do Morro do Osso (situado entre os bairros Cavahada, Tristeza, Camaquã e Ipanema), abrangendo o morro do Sabiá (Ipanema) e Belém Novo (com a Ponta do Arado), passando pelo bairro Lami (Reserva Biológica - REBIO do Lami – José Lutzenberger). Não muito longe dali, encontra-se o Refúgio de Vida Silvestre (REVISMSP) do Morro de São Pedro (no bairro Lageado) e do Morro da Extrema (considerado a elevação com a maior porção de Mata Atlântica preservada do município, situado no bairro Cantagalo). Pela praia do Lami, alcançam o Morro do Coco (bastante florestado) e depois o Parque Estadual Itapuá (PEI): um mosaico de paisagens que desenham arranjos fisionômicos e territoriais heterogêneos quanto ao lugar do biodiverso na urbe e suas fronteiras, revelando aspectos do *patrimônio biocultural* da cidade de Porto Alegre.

No Lami, os modos de vida ditos tradicionais (agricultura de subsistência, pesca artesanal, práticas campeiras, lidas com « criações », vida comunitária, relações de vizinhança e parentesco, narrações de causos, entre outros) estão ligados às experiências coletivas detentoras de fortes vínculos simbólico-práticos com os lugares e resguardam formas sensíveis e afetivas de seus moradores, principalmente dos mais antigos – mas também daqueles que buscam viver no bairro movidos por uma vida mais tranquila e até certo ponto alternativa, de contato com a natureza na metrópole – de se relacionarem e constituírem as paisagens de pertencimento. Obviamente, este cenário está atravessado por complexidades relacionadas a certos preceitos de conservação, a uma experiência de crise que se estende no lugar, pelo menos, desde os anos 70 do século passado.

As paisagens no Lami revelam-se “objetos sensíveis” para o observador que participa da vida cotidiana do bairro, que se insere nela a partir de deambulações interessadas pelas ruas. Na tentativa de aderir às imagens do lugar, o etnógrafo que opta pela abordagem do sensível (Sansot, 1979) é conduzido a pensar as formas como devires e afetos nas maneiras de os sujeitos experimentarem os lugares – os pescadores, a dona de casa, as crianças brincando, o carroceiro, os garis, o dono de um pequeno comércio, os funcionários e estagiários da Rebio, entre

outros - todos que animam o cotidiano prosaico e dinâmico do Lami, mas também sociotécnicos da gestão do vivo. Segue atento as tramas das relações entre os seres, às biossocialidades presentes na ecologia urbana do bairro. Os entrelaçamentos não-lineares de mundos-próprios<sup>19</sup> e as relações ecológicas em lugares praticados no bairro o interessam.

As paisagens do Lami são os espaços de experiências localizadas e cotidianas para os moradores. Nelas as visadas e perspectivas ao *corpus* paisageiro do Lami acenam para horizontes possíveis com certos níveis de profundidade. As dimensões espaço-temporais dos lugares no bairro têm concreções materiais da memória local, repletas de imagens simbólicas que evocam ermos, a casa do pescador/de fazenda/veraneio, situadas no extremo. Há o vegetalismo arbóreo progressivo e paciencioso, além das práticas de itinerários e trajeções nos espaços que fazem do “trajeto antropológico no contexto porto-alegrense uma busca incessante pelas águas e portos (mas também pousos), um contínuo estímulo à ocupação do espaço, à expansão urbana. Este é um aspecto pelo qual o Lami se apresenta ao meu olhar.

Em relação ao bairro, é necessário considerar as transformações ocorridas no processo de expansão da metrópole com a instalação de infraestruturas urbanas (arruamentos, saneamento básico, disposição de equipamentos urbanos, iluminação pública etc.), visando ao desenvolvimento acompanhado da destruição/transformação dos ecossistemas ribeirinhos e de sua vegetação, contribuindo para os impactos à Zona de Amortecimento (ZA)<sup>20</sup> da Rebio Lami – José Lutzenberger. Acima de

---

19 Na introdução da edição portuguesa do livro *Dos animais e dos homens* (1933), de Jakob von Uexküll, o pensador Adolf Portman afirma o seguinte: “A doutrina de Uexküll acerca do mundo-próprio, característico de cada espécie animal, veio a constituir uma parte fundamental da biologia moderna, mas a extensão que o autor fez da sua doutrina até ao homem foi, desde o início, justamente contestada. Como a digressão aqui publicada conclui com uma aplicação pormenorizada desta doutrina ao homem, é necessário que nos detenhamos por um momento neste caso limite. O que há de fundamental na teoria do mundo-próprio, de Uexküll, é que, segundo ela, este mundo-próprio tem, para um gato, para um cavalo ou um macaco, a sua forma específica, não obstante as características comuns de mamíferos. Do mesmo modo, é também específico o mundo da gralha, o da galinha-d’água, o do falcão, apesar das suas características comuns de aves. Trata-se de uma particularidade hereditária, tipicamente específica, invariável. Se no mundo do cão ou no do papagaio que habita conosco o mesmo quarto pode aparecer coisas do mundo do homem, elas transformam-se em coisas do papagaio ou do cão, com as suas tonalidades inteiramente próprias. Mas, para ilustrar o seu conceito de mundo-próprio, Uexküll também põe em relevo o mundo diferente em que, separadamente, se move cada pessoa e mostra, com o exemplo da árvore, como a mesma coisa toma, consoante o género de vida da pessoa, tonalidades absolutamente diferentes. Aqui escapa-lhe, no entanto, um pormenor: que todas essas maneiras diversas de ver o mundo fazem parte de um mundo comum à espécie, que é possível uma compreensão desses vários mundos-próprios da mesma espécie, que é possível, enfim, existirem contrastes de interpretação” (1933, p.11-12).

20 É uma área limítrofe, portanto, de entorno a uma UC que contempla um raio de 10km, onde as atividades humanas devem ser controladas e compatíveis à conservação do biodiverso. Também chamada de Zona Tampão.

tudo, indica a necessidade de tematizar a noção lefebvrea de “direito a cidade”<sup>21</sup>, neste caso, mais-do-que-humana, onde o bem-estar humano deveria ser proporcional ao dos outros seres, no sentido de uma vida vivida em relação duradoura e, pouco ou nada, agonística com os outros. Os problemas ligados às assimetrias presentes na sociedade brasileira, nas suas grandes metrópoles, impedem que muitos humanos e não-humanos compartilhem os espaços (rur)urbanos, criando situações extremas de extinção de espécies da fauna e da flora: aí reside um ponto de inflexão, um dilema mais-do-que-humano, já que a vida humana torna-se tão precária quanto a dos não-humanos que habitam a cidade, sejam eles silvestres, asselvajados, em situação de rua, e assim por diante.

Apesar dos dilemas socioambientais, o bairro apresenta atmosfera bucólica, revelando uma aura aprazível, que confere certa mística ao lugar devido à presença de geografia dinâmica, associada a uma topografia épica e fantástica de suas paisagens. Tais características referem-se às conexões entre o lago Guaíba e a lagoa dos Patos, e daí com o Atlântico, onde ressoam imagens de um mar interior; à saga de Garibaldi; às imagens do conflito farroupilha na vizinha Itapuá (os artefatos do museu do PEI demonstram isso). A este contexto gauchesco ligam-se os causos de tesouros enterrados (“guardados”) na região, que mencionam as almas que os acompanham, vibrando nesse amplo cenário de guerras no passado.

Neste sentido, as praias de baías calmas, com penínsulas, constituem dobraduras nas paisagens, pois evocam suas memórias épicas e belicosas ligadas aos lugares praticados e, geralmente, associadas às restingas, campos úmidos, ou não; às matinhas próximas aos morros, que mobilizam sensibilidades e despertam atualmente interesses diversos na região, indicando a presença de práticas de lazer e de turismo rural que fazem menções a um universo cultural gaúcho. A isto somam-se os sítios voltados às produções orgânicas e haras, que fazem das paisagens do Lami espaços de produção ecológica e de evasão. No entanto, a existência de conflitos socioambientais também é visível, como a retirada de areia, a pesca ilegal e a ocupação do solo pelos loteamentos irregulares nas zonas de várzea, suscetíveis a alagamentos, como os ocorridos em 2020, pós-ciclones- bomba que acometeram o Sul do país.

---

21 Ver Lefebvre (2011) e os comentários de Brenner (2000) sobre o trabalho do primeiro.

A persistência no tempo de coletivos-mais-do-que-humanos (ainda que alguns tenham desaparecido, ou escasseado<sup>22</sup>), apesar das contínuas transformações das paisagens originárias promovidas pelos agenciamentos simbólico-práticos humanos, revela camadas de memórias sobrepostas que entrelaçam cultura(s) e natureza(s) nos lugares, produzem tensões entre esquecimentos e lembranças que colocam comunidades afetivas/grupos indígenas (Guarani)/estrangeiros/migrantes (de outras partes do estado ou do município), assim como conservacionistas (ambientalistas preocupados com a conservação do vivo/técnicos do campo ambiental), em relação tensional num território disputado diante das paisagens constituídas por elementos naturais ameaçados no Capitaloceno (Moore, 2016), pelas ações fragmentadoras dos laços e « padrões que unem », na medida em que edificam coisas, produzem formas urbanas no espaço-tempo moderno de expansão, enquanto exaurem os ecossistemas.

Os laços convivenciais que nos ligam a outros existentes, a certas «comunidades híbridas» (Lestel, 1998), variáveis, como as áreas de conservação rururbanas e seus entornos, indicam a necessidade de lidarmos com escalas de ocupação dos espaços e, obviamente, às respostas socioambientais a elas, às formas como seres vivos ou não, co-produzem nichos conosco no mundo urbano ao longo do tempo, ou desaparecem frente à expansão desmedida sobre os seus territórios (a ave extinta, o arroio poluído, a várzea ocupada e desmatada). Portanto, tais questões estão relacionadas à conformação de paisagens urbanizadas, ou em tensão com elas, que falam dos usos do que se convencionou chamar de recursos naturais<sup>23</sup>, as maneiras como lidamos com os espaços e realizamos sua ocupação.

---

22 A presença de felinos silvestres na região entre a zona sul de Porto Alegre (Lami) e Viamão (Itapuã), por exemplo, apesar dos impactos ambientais, está registrada. Em áreas como a Rebio Lami e a REVIS Morro São Pedro, gatos-do-mato-pequenos (*Leopardus guttulus*), palheiros (*Leopardus colocola*) e maracajás (*Leopardus wiedii*) - avistados sobre uma figueira na Rebio – também aparecem nos registros das armadilhas fotográficas. No âmbito do PEI, em Viamão, o leão baio (*Puma concolor*), cujas pegadas observamos na praia da Onça, e a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) estão no topo das cadeias tróficas.

23 Aqui faço uma ressalva. Entendo o termo “recurso” (hídrico; natural) como uma forma pela qual o capitalismo se apropria da natureza. O termo tem relação com a ideia de gestão socioambiental dos problemas citadinos que envolvem decisões institucionais e custos. É a noção central no manejo sistêmico das coisas do mundo urbano, da ecologia da/na cidade ciborgue (Swyngedouw, 2001), heterogênea. O que se sabe é que a natureza barata chegou ao fim (Moore, 2013a, 2013b, 2016): a acelerada extinção de espécies no contemporâneo reverbera como uma catástrofe planetária; o aquecimento global permanece sendo um fato, apesar dos negacionistas; a contaminação, a má gestão e distribuição da água produz significativos problemas sanitários nas metrópoles brasileiras. Os signos da natureza-recurso explorável até a sua exaustão marcaram o século XX, acirraram assimetrias econômicas e injustiças socioambientais no contemporâneo.

## Esboços de uma *ecoantropologia urbana*<sup>24</sup> em Porto Alegre

Meu interesse no bairro do Lami está direcionado às relações entre humanos e macacos neotropicais, neste caso, as populações de bugios-ruivos (*Alouatta guariba clamitans*) presentes no sul do Brasil. Em Porto Alegre, as reflexões sobre como os jogos sociais interespecies macacos-humanos ocorrem no âmbito dos lugares, ambiências e espaços praticados, têm na Zona Sul um *locus* privilegiado para o exercício da observação participante. É onde entrelaçamentos ecológicos multiespecies mais complexos se manifestam por seu grau de conservação. No meu ponto de vista, tais associações são mais bem compreendidas quando pensamos o bairro como uma porção da capital que se transforma ao longo do tempo e tensiona paisagens rurais e urbanas<sup>25</sup> no contemporâneo, vinculadas diretamente ao Lago Guaíba e à REBIOJL.

O Lami é uma das figurações do sociobiodiverso no mundo urbano porto-alegrense. Ele está relacionado às paisagens regionais com atmosfera gauchesca – casas de sítio/fazenda, poteiros, galpões, campos, cavalos e vacas pastando, Centro de Tradições Gaúchas (CTG). Neste sentido, realizar a etnografia no bairro é percorrê-lo mediante deambulações interessadas pelos espaços, nas suas relações sociais e as imagens que evocam. É andar com atenção sensível às dinâmicas ecoantropológicas<sup>26</sup> que pulsam sutis nas ruas e becos, na orla e em suas praias de areias brancas com

---

24 A ideia de uma ecoantropologia urbana começa a ser instituída a partir da minha formação em Ecologia Humana (1993), por meu interesse na presença dos morros areníticos do Vale dos Sinos, pelas vistas urbanas, ou o lugar, àquela época, conspicuo, do Morro de Sapucaia na cidade de Sapucaia do Sul (RS). A partir daí, a Antropologia interessou-me como campo de conhecimento. A antropologia urbana brasileira e sua influência da Escola de Chicago, somada ao meu interesse em Simmel, na questão da memória, nas imagens/imaginário(s) e em abordagens do sensível, colocam o tema das paisagens urbanas, hoje, para o caso do Lami, como devires de imagens e coisas que produzem formas (rur)urbanas, feições, tensionadas diante das vicissitudes humanas ao praticá-las na cidade de Porto Alegre, pois falam sobre como se transforma(ra)m no tempo.

25 No site da Prefeitura de Porto Alegre, aparece o seguinte sobre a « cidade rururbana »: « Até há bem pouco tempo, predominavam na cidade rururbana as atividades rurais, pequenas indústrias de transformação, a exploração de minerais para a construção civil e os núcleos urbanos autônomos de Belém Velho, Belém Novo e Lami. Mais recentemente, esta região tornou-se um local alternativo para o assentamento de núcleos habitacionais de significativa parcela da população, através da ocupação por vilas e loteamentos clandestinos ou irregulares, que se distribuíram principalmente ao longo das estradas estruturadoras da cidade rururbana de forma multipontual. Assim, atualmente, convivem, lado a lado, áreas de produção rural para subsistência e para comércio, sítios de lazer, pequenos comércios, algumas indústrias, núcleos habitacionais tipicamente urbanos ora estruturados, ora não. Há que se salientar que o desenvolvimento destas atividades gerou duas grandes unidades espaciais bem distintas: uma, caracterizada pelo predomínio da habitação sobre o rural e a outra, mais agrária ». [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=15&p\\_secao=46](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=15&p_secao=46)

26 Estou chamando aqui de ecoantropologia urbana a tentativa de estabelecer um diálogo interdisciplinar entre campos do pensamento, como é o caso da Ecologia e Antropologia Urbanas, mas também da Sociologia, Geografia e História, de temas que pensam a cidade, sua natureza/cultura. Trata-se de uma abordagem que adere ao sensível - tem relação com certa forma francesa de pensar temas como imaginário, memória e paisagem, por exemplo, antropofagizados à brasileira.

águas que rumorejam à noite, nos refúgios dos pátios, nas pessoas e suas experiências cotidianas junto aos animais domésticos, à vida silvestre que habita/percorre os lugares, praticando-os de distintas formas.

No Lami é preciso olhar o humano nas suas interfaces com o *oikos* e, por isso mesmo, como vibrações simbólico-práticas de paisagens que constituem mosaicos híbridos de sacionaturezas nos lugares praticados pelos diversos coletivos em interação. Paradoxalmente, a Rebio do Lami busca, em termos legais, o oposto, já que se trata de um tipo de Unidade de Conservação (UC) altamente restritiva, com uma série de regras que delimitam os usos e os trânsitos humanos da/naqueles espaços. O problema que reside neste tipo de conservacionismo que evoca o « mito da natureza intocada » é justo o de como conservar o vivo sem repudiar o humano, que é a figura que, invariavelmente, preserva e destrói. Trata-se de um dilema que opõe *anthropos* e *bios* ao invés de uni-los<sup>27</sup>.

Portanto, acessar a materialidade das paisagens do Lami é aderir às potências imaginárias de suas fulgurações (materiais/simbólicas), às contradições inerentes ao urbano, considerando seus impactos e virtudes sobre determinados lugares, onde porventura se instaura como modo de vida, acompanhado do acréscimo de pessoas de outros lugares que transformam as sacionaturezas do bairro. As tensões vividas são aquelas que não levam em conta, por exemplo, a existência da zona de amortecimento no entorno da Rebio e o contexto das ecologias possíveis (talvez pudéssemos falar de formas ecosólicas<sup>28</sup>) no extremo sul de Porto Alegre. O Lami é uma zona de conflito socioambiental no contexto metropolitano.

---

27 As marcas, até certo ponto traumáticas, deixadas junto aos moradores locais por uma administração anterior da Rebio, são recorrentes nas narrativas que ouvi e aparecem no estudo de Rechenberg (2007). Elas indicam que a separação entre cultura e natureza, para alguns, parece ser o objetivo da conservação: a distribuição de cartilhas ecológicas não garante muita aproximação. As normas para a conservação de UCs e espécies não podem negar o humano como sujeito consciente de seu mundo e, por isso mesmo, atravessado por conflitos socioambientais, por crises urbanas. Inclusive, o Lami conhece o manejo humano desde longa data. Na própria REBIO do Lami, ocorre um processo de restauração/regeneração dos ecossistemas e formações vegetacionais nativas da área que, no passado, foi uma antiga fazenda, pois apresenta marcas das ações humanas nas suas paisagens – taipas, caminhos, antigas áreas de plantações de arroz, manejo do gado bovino e cavalari, entre outros - e que experimenta hodiernamente uma série de tensões com as áreas lindeiras, como a invasão de gado e de cães, pesca ilegal, entre outros problemas.

28 A ecosofia aplicada ao urbano, como eu a entendo, seria uma espécie de pluralidade ecológica dos coletivos engajados subjetivamente no cotidiano da cidade (movendo emoções, ideias, imagens, formas, agenciamentos), habitando tensionalmente sua naturezicultura, que dura no espaçotempo de seus lugares praticados desde a gênese de um mundo urbano particular em transformação. Obviamente, aqui me apoio em Guattari (1990, 1992) e Maffesoli (2017) para os mitos de fundação de Porto Alegre (Rocha, 1994).

A ecologia das percepções socioambientais no Lami tem relação com o cotidiano do bairro. Reconhece-se integrada aos seus dilemas, ao que decorre e se transforma. Segue os fluxos da vida e se entenece com isso, com os lugares e suas memórias, ao co-derivar criativo dos seres nas paisagens rururbanas, suas feições gauchescas, campeiras. As paisagens têm fortes aderências humanas. São paisagens-pensamento, nos termos de Collot (2013).

As percepções são dimensões sensíveis das práticas dos lugares e acessam imagens poéticas de vários sentidos, compartilhadas. Não se esgotam num psicologismo impressionista do meio (como quer certa percepção ambiental<sup>29</sup>), porque o *meio* é a forma e o processo como o sujeito deriva-junto, insere-se e percebe o mundo<sup>30</sup>. Daí que a expressão perceptual das relações - incarnada no corpo que pratica - deste mesmo mundo ocorre a partir de sensibilidades próprias, das relações com as coisas e entes que o animam: é sempre um fenômeno do existente em relação/oposição/convergência ao diverso de si, de senciências/consciências presentes na vida vivida cidadina, num contexto de dilemas socioambientais.

O paisageiro, como dimensão sensível da percepção, revela movências<sup>31</sup> de sentidos e gestos na configuração do lugar de pertença, reconhece no trabalho do tempo uma ecologia dos sentidos e sentimentos, que são o misto de representações e congruências *nas* e *das* coisas vivas, ou não, (pelas suas agentividades<sup>32</sup> e aderências em relação ao meio) pelo convivial, que considera os entrelaçamentos multiespécies

---

29 Não se trata, necessariamente, da percepção ambiental nos termos de Gibson, e a leitura que faz dele Ingold (2000), por exemplo, mas de um certo senso comum sobre como grupos sociais e indivíduos veem a natureza que se criou em torno do tema, algo também como um olhar que sonda certa realidade por meio da aplicação de questionários.

30 Meio entendido como contexto e processo de derivar das formas, como formismo (Maffesoli, 1987; 1994). O meio abarcaria a amplitude de manifestações perceptuais dos seres, implicaria cosmovisões, ontologias, perspectivas e perspectivismos, mundos da vida, hermenêuticas plurais, enfim, pontos de vista humanos e não-humanos em relação, situados nos lugares praticados a partir das interações de mundos-próprios.

31 A movência, se fala da instabilidade do poema, no sentido de Zumthor (1997), também se refere ao caráter lacunar, às respirações do tempo, ao seu caráter acidentado e à libertação de memórias, no sentido bacheleriano (1988a, 1988b), que uma etnografia da duração (Rocha e Eckert, 2005; 2013) nos auxilia a compreender pela sua preocupação com a pregnância do imaginário na cidade praticada pelos gestos do trabalho, seus saberes-e-fazer, por exemplo, pelos agenciamentos da matéria do tempo da cidade, gestando marcas nas fisionomias das paisagens. As movências das formas no espaço (os formismos produtores de novas imagens rururbanas), seriam o devir das paisagens na duração, configurando a Zona Sul porto-alegrense como um meio onde vetores de relação (Maffesoli, 1987, 1994) ecológicamente se cruzam em lugares de pertença, como o Lami.

32 O tempo das atafonas e da produção de farinha, da pesca praticada à exaustão das espécies, a extração de barro e areia para a construção civil, o desmatamento para venda de lenhas, a caça aos jacarés-de-papo-amarelo (Caiman latirostris), para obtenção de couro, e às capivaras (Hydrochoerus hydrochaeris), para a carne, a ocupação de banhados e várzeas do Guaíba.

em dada paisagem. Aqui, fulguram imagens do pago/da querência/a morada do gaúcho no extremo sul da capital.

Existem complexidades microsociológicas interespécies; expressões imaginárias e potências subjetivas-objetivas que ligam seres/coisas às imagens que aderem a elas, que vibram na sua duração espaço-temporal a partir daquele que experiencia os lugares, ou ainda, a importância do lugar no mundo da vida. Implica, ainda, o reconhecimento de dinâmicas que antecedem as paisagens coexistentiais como as conhecemos. Presentificam um passado evolutivo quanto ao biodiverso no Lami e seu entorno, concebidos como refúgios e espaços de exceção para a gestão do vivo num período de exacerbação de extinções locais no Capitaloceno (Lorimer, 2015).

O problema é que não há *dentro* ou *fora* rígido numa paisagem, mas convergências e recursividades que instauram expressões formais, onde o corpo, como paisagem em fruição, existe *com* os outros pelo engajamento em ecologias plurais, *humanimais*, mais-que-humanas, com feições sobre-humanas e misteriosas, de amplitude ecosófica e cosmolítica. O corpo é fulguração sensível que vibra na aura da paisagem, na sua movência não-linear; ele pulsa como figuração sensível da alma nas coisas, como memória, e se distende num além de si pelo intrincado de uma ecologia das « formas sensíveis », onde o outro sou eu e vice-versa.

Toda a paisagem é um território existencial de diferenças coligadas/de fronteiras porosas na sua fruição; flexíveis como potência, mas redutíveis pela negação da diferença, portanto, sujeita a crises, à degradação pela ruptura dos elos que unem seus conteúdos em separado (no sentido da autonomia dos seres), numa forma singular do ecossistema urbano. Por isso, a tentativa de isolar o humano dos naturais, em certa medida, desnatura os humanos pela misantropia e culturaliza a natureza como exceção.

Sendo assim, a deriva como expressão paisageira no/do lugar de pertença implica pensar que o olhar que pousa nas ambiências é justo aquele que percebe o si-mesmo incluso na fruição intermitente das coisas, gestos e sentidos que vibram numa ecologia plural, que re-situa o humano como uma paisagem corpórea em devir *com* o diverso de si no Lami, junto a

uma área de conservação do vivo, ao seu entorno. Portanto, numa *unicidade* que se desdobra vária, justo porque as paisagens se transformam pelo devir constante de suas formas, ações humanas – o paradoxo da constância na inconstância - tornam o lugar sempre plural, até porque, « o que se observa depende do observador », diria Maturana (1990), engajado com a heterogeneidade reinante do local. Enfim, numa paisagem, tudo isso decorre da flexibilidade ontológica dos seres pelo querer estar-juntos (Maffesoli, 1987), numa congruência sempre ativa do vivo, constituindo formas sensíveis e tensionais de relações entre alteridades, conflitivas. Isso configura a aura de uma paisagem, de um lugar, de um bairro, que sempre é polimórfica nas suas derivas coexistenciais no mundo-comum (bio e abiótico, sua ecossistêmica), que seria a conjunção de tantos mundos-próprios em relação (animais, humanos/vegetais, microbiológicos) que estabelecem a sinergia do vivo, uma assembleia possível de existentes em permuta mais ou menos agonística.

## O bairro e suas temporalidades

Andar pelos espaços do Lami, de certa forma, significa fluir da orla em direção às ruas – de chão batido, ou pela Nova Olinda recém asfaltada, por exemplo - pela avenida. Seguir em direção aos becos com grandes figueiras, sendo este um ponto de vista que me agrada praticar o bairro. Vislumbrar o prosaico da vida cotidiana das pessoas que praticam o lugar, que cumprimentam com um aceno dos pátios que habitam, ou que ignoram o passante diante de afazeres domésticos, bem como topar com a « malandragem » - figuras que indicam certa insegurança nas ambiências do calçadão<sup>33</sup>, das praças e becos.

A orla é um dos centros pulsantes da vida *barrial* – para usar a expressão cara aos estudos de Gravano (2005). Ela, como faixa de deriva, é um ponto de observação das paisagens – a abertura de um horizonte e o caráter panorâmico por onde se espraia o lago Guaíba, a Ponta do Cego, o Morro do Coco (Viamão), uma vista que se abre e amplia ao

---

<sup>33</sup> “Aquele porqueira”, como mencionou Edson (35 anos) morador do Lami desde a infância, que, como os interlocutores de Rechenberg (2007), acredita que, a partir da instalação do Calçadão o bairro do Lami, piorou (excesso de transeuntes e barulhos decorrente do veranismo; maior número de pessoas estranhas; insegurança relacionada à violência urbana, entre outros). A “malandragem” está relacionada à certa visão que estigmatiza jovens negros e pardos, provavelmente fora da escola e/ou desempregados, no contexto da capital.

longe, em direção à Lagoa dos Patos, um recorte simmeliano (Simmel, in Maldonado, 2011) do olhar que considera o todo, revela justo a inteireza do dado natural, sua singularidade hermenêutica das relações ecológicas mais-do-que-humanas, seu *sentimento de lugar*. A partir daquele ponto, há possibilidade de conjecturar aspectos mais ou menos lineares da espacialidade do lugar como forma rururbana, no sentido das ruas e becos (o labiríntico), dos terrenos, com ou sem casas, das antigas construções de veraneio, algumas abandonadas; os cães de rua que vagam de um lado a outro, os muitos equinos que pastam à beira-rio. Da orla, vislumbra-se a areia branca da praia, os juncais, os morros ao longe, as matinhas e as pequenas dunas, a avifauna que circula sem parar em busca de alimentação. Ali a vida pulsa – os não-humanos são diversos e intensos na sua vibração paisageira cotidiana.

A simbólica das águas, as imagens que carrega no tempo e que se assentam nos lugares – memórias de navegações; de ancoradouros e ilhas, de banhos de rio, das pescarias às intempéries e alagamentos, dos seres anômalos e fantásticos – estão associadas à sua intensa mobilidade e labor sobre os elementos, às sonoridades das paisagens aquáticas em movimento<sup>34</sup>.

Andar pelo Lami é encontrar o pescador («pescadores das antigas») que se senta num banco da orla no final da tarde e contempla as águas, a movimentação dos ventos, a conformação dos cúmulos das nuvens na atmosfera próxima, o chumbo do temporal que chega e que se assenta tormentoso. Reconhece nesse conjunto de feições “paisageiras” cíclicas/ climáticas índices da presença dos cardumes de peixes (que sazonalmente podem ser capturados) a partir de hermenêuticas sensíveis que leem o fenômeno climático e o conectam a ecologias outras. Eles estão sempre por ali a observar o mundo aquático e a sonhar com as riquezas piscosas que existem no seu interior, no momento propício de acessá-las; as virações dos ventos e na necessidade de lidarem com o tempo do

---

34 Para estas considerações, como a etnografia no Lami com as minhas experiências nas Missões e ao vasto material de pesquisa produzido pelo BIEV/Navisual/UFRGS que tive acesso ao longo dos anos. Ou seja, esta leitura do Lami vem nuançada de hermenêuticas/convergências de imagens/abordagens sensíveis em torno do Rio Grande do Sul/ Porto Alegre, sobre o universo urbano gaúcho tensionado ao rural desde longa data.

defeso<sup>35</sup> e das vacas magras no mundo da pesca, como ouvi. Alcançar a orla no final da tarde é, possivelmente, acessar um tempo de diálogo com o pescador que devaneia a pesca e espera, que perscruta o mundo sensivelmente a partir da dinâmica das águas do Guaíba, escrutinando seus mistérios e movimentações. Também é tempo de reparos nas embarcações, como acompanhei entre o primeiro semestre 2019 e o de 2020 junto à família de Michel, jovem pescador local.

As águas que circulam na orla redesenham formas, nutrem a vegetação que cobre a vista e redefinem o panorâmico no Lami. Fazendo isso, deslocam a balneabilidade dos lugares utilizados outrora para o mergulho e asseio, exigem o manejo e a gestão do vivo, tensionam moradores e conservacionistas, acionando a própria Rebio como parte integrante da aplicação de políticas ambientais da Secretaria de Meio Ambiente Municipal (SMAM/PoA), por intermédio de sua direção.

\*\*\*

No segundo semestre de 2019, acompanhei a gestora da REBIO, Carmem Sestren-Bastos, e sua equipe técnica nas tomadas de decisões sobre as podas das árvores e a retirada, ou não, dos juncais (*Scirpus californicus*) junto à orla, nas proximidades do Calçadão. Acontece que a força nutriz das águas, o meio, restitui o lugar das matas ribeirinhas, assim como dos juncais, que seriam nichos reconhecidos para a procriação das espécies aquáticas nas praias do Lami. E, diante das normas ambientais ligadas à zona de amortecimento da Rebio, os banhos, como práticas do lugar, deveriam ser controlados, pois as ações humanas de lazer produziriam impactos de diferentes ordens nos ecossistemas lacustres. Este foi um debate promovido pelo Conselho Consultivo da Rebio no dia 17/11/18.

Há, no meu ponto de vista, uma ético-estética que mistura a biologia da conservação a romantismos, que evoca algo alternativo como estilo de vida, oriundo das camadas médias intelectualizadas da capital e que paira na atmosfera do lugar, veiculando imagens em torno das

---

35 “Defeso é uma medida que visa proteger os organismos aquáticos durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida, como a época de sua reprodução ou ainda de seu maior crescimento. Dessa forma, o período de defeso favorece a sustentabilidade do uso dos estoques pesqueiros e evita a pesca quando os peixes estão mais vulneráveis à captura por estarem reunidos em cardumes ». <https://www.mma.gov.br/informma/item/10431-per%C3%ADodos-de-defeso.html>

ideias de natureza e ecologia no contemporâneo (certa ecologização do mundo à la Maffesoli). Também parece emergir das manifestações diversas de certo ambientalismo urbano no contexto da Grande Porto Alegre, associado ao meio acadêmico/técnico (as universidades, seus museus, laboratórios, coletivos de pesquisadores – Projeto Macacos Urbanos, p. ex.), à extinta FZB<sup>36</sup>, às ONGs (Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais - InGá), às instituições estaduais de gestão metropolitana e/ou do vivo, entre outros, atravessadas por pragmatismos pela causa ambiental, pelo tema das águas<sup>37</sup>.

Lembro que, naquele momento, alcançar a orla implicava ouvir reclamações de moradores sobre a situação do banho nas margens do Guaíba, do tamanho dos galhos das árvores no Calçadão, dos juncais que impediam o acesso às águas e, não raro, significava escutar indiretas de que era preciso cortar/retirar o mato para liberar o banho, libertar a vista às lonjuras e, conseqüentemente, mover o comércio de veraneio. Por vezes, fui associado pelos moradores aos técnicos do campo ambiental que atuam na Rebio do Lami. O desbaste controlado da vegetação ocorreu como uma operação da SMAM, de maneira comedida, o que não parece ter agradado alguns dos residentes, que sugeriram que poderiam ter “baixado mais o mato”, conforme percebi quando deambulei pelo local. As considerações dos moradores sobre os dilemas do Lami indicam que o conflito existe e atravessa as temporalidades do lugar quando se toca no tema da conservação da biodiversidade.

---

36 Sobre a extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, ver a dissertação de Dubiela (2019).

37 As lutas contra as poluições atmosférica e hídrica junto ao lago Guaíba, diretamente relacionadas à cidade de Porto Alegre, vêm desde os anos 1970, movidas pela AGAPAN contra a empresa de celulose norueguesa Borregaard, por exemplo, e se estenderam pela balneabilidade, desdobrando-se em políticas públicas e programas como o Guaíba Vive, criado em 1989, que redundou no retorno à balneabilidade no Lami, pois “[a]s obras do projeto de recuperação desse balneário foram iniciadas em 1990 e concluídas em 1992. Através do estudo da microbacia dos arroios ali existentes (Lami, Manecão e Varejão), definiu-se a localização da Estação de Tratamento de Água e a Estação de Tratamento de Esgotos. As obras beneficiaram dois mil habitantes, além de atender os vinte mil usuários na época de verão. No total foram 10.635m de redes de esgoto e 13.375m de rede de água tratada” (Kujara, 1995:p. 143).

## Os pátios do Lami, deambulações etnográficas interessadas nos coletivos multiespécies

Quando o caminhante percorre as ruas do Lami é preciso atentar aos pátios<sup>38</sup>, aos seus mosaicos heteróclitos, produtores de arranjos formais diversos. Cada espacialidade do lugar que é um pátio tem a potencialidade de figurar como uma espécie de refúgio à fauna silvestre, nicho de uma micro-fito-sociologia doméstica, um desenho de intencionalidades no habitar, já que é um construto humano onde participam certos entes. Os pátios são ambiências e nichos com presença de luz variável. São detentores de espécies vegetais com amplo espectro de possibilidades de arranjos. Por isso, diante da fragmentação dos espaços, são oportunidades para a fauna circulante nos lugares e/ou extensão de seus territórios, especialmente aquelas mais tolerantes ao humano em seus cruzamentos nos espaços. Daí a importância de os pátios estarem associados aos corredores ecológicos.

Eles apresentam desenhos, minúcias, combinações que variam. Neles correm as linhas convergentes e de fuga que fornecem certas feições ao lugar. Evidenciam sistemas em transformação agenciados por desígnios humanos ao longo do tempo. Têm consigo memórias adensadas no lugar e, em conjunto com as moradias, constituem certa atmosfera, ambiências. O pátio é uma paisagem-pensada tanto quanto um deixar ser pelas sucessões mais ou menos aleatórias dos entes no espaço-tempo – a visitação diária ou ocasional; os ciclos de vida e ocupação do ambiente cotidianos; figurações sazonais nos lugares/migrações; fixações no solo e nas reentrâncias; banhar-se na poça d'água; permanecer suspenso pela cauda numa árvore. A abertura não-humana às práticas cotidianas dos artefatos humanos disponíveis, seu manejo inteligente, é um fenômeno diverso com muitas situações ecológicas no Lami: a tarrá, que vocaliza no amanhecer e desperta a casa para o dia, sobrevoa o pátio, canta no topo de alguma árvore por perto. No pátio,

---

38 A noção de pátio, no contexto da Grande Porto Alegre, é ampla e variável. Geralmente tem relação com o espaço imediato do entorno da morada, que pode estar acompanhada de um arvoredo (constituído por espécies nativas, exóticas ou misturadas) e que, dependendo do tamanho do terreno, pode estender-se aos fundos da propriedade. A criação de cachorros, gatos e galinhas é usual, variando em relação a outros animais, como é o caso dos equinos no Lami, que são relativamente comuns nos pátios do bairro. O jardim, quando existe, geralmente, situa-se na frente da casa. Pode corresponder, por vezes, à ideia romântica de ajardinamento, ou ao ordenamento do quintal, que estetiza a localidade dos espaços praticados por um coletivo humano, um grupo familiar. De qualquer forma, o pátio revela visões de mundo, ethos, percepções de natureza e urbanidade; ele detém funções práticas localizadas.

as aves ocupam nichos, ambiências e espaços, perscrutam as árvores em níveis distintos. Nas estruturas humanas, vasculham entre potes e vasos, visitam os arredores da varanda. No chão, banqueteam-se com restos e pequenos grãos oriundos da cozinha onde a cambacica (*Coereba flaveola*) adentra, como as saracuras (*Aramides cajanea*), os sabiás-laranjeiras (*Turdus rufiventris*), a pomba-de-bando (*Zenaida auriculata*), mas também os lagartos teiú (*Tupinambis merianae*) e os graxains-do-mato (*Cerdocyon thous*). Os gambás-de-orelhas-brancas (*Didelphis albiventris*) e os ouriços-cacheiros (*Sphiggurus villosus*), assim como os bugios-ruivos, têm seus itinerários pelos telhados. À noite, bichos gritam perto da casa.

Por resultarem das escolhas dos moradores, os pátios no Lami produzem ambiências que significam ora deixar o mato crescer ora cortá-lo; permitir que a espécie que nasceu espontaneamente cresça ou não; deixar o solo livre ou colocar lajotas, aterrar a várzea e ocupá-la; experimentar alagamentos. Enfim, implica praticar o lugar pela sua domesticidade, mediante devaneios da intimidade (Bachelard, 1988b), que acompanham formas de urbanização nem sempre sensíveis às alteridades não-humanas, e que se imiscuem nos ecossistemas, produzindo paisagens tensionadas<sup>39</sup>. As cores e movimentos, suas sonoridades prosaicas e intensas<sup>40</sup>, podem ser tanto aquelas dos pássaros e das intensas vocalizações dos bugios-ruivos nas árvores, quanto a melodia de uma música alta, oriunda da festa animada (com gritos efusivos de pessoas) na casa de veraneio ou o barulho de uma máquina qualquer trabalhando a matéria. Os pátios contíguos e as suas disposições diversas e intrincadas no conjunto paisagístico do bairro são signos da heterogeneidade sociocultural no contexto do Lami.

Frequentar pátios ou observá-los de fora é sempre uma experiência sensorial distinta, devido à variedade de conteúdos e as (as)sociações entre existentes na domesticidade do espaço, que pode ser uma espécie de

---

<sup>39</sup> A expansão urbana irregular vem acompanhada de visões de mundo estranhas ao bairro, que não representam os valores compartilhados por moradores antigos e que se chocam com políticas de conservação do vivo, disciplinadoras nas UCs e seus entornos, que, por vezes, mobilizam percepções ecológicas pouco afeitas ao humano. A atual gestão da REBIOJL tem feito um esforço de (re)aproximação com a comunidade (heterogênea) do Lami e suas distintas ocupações em « paradas » distribuídas na região.

<sup>40</sup> Rechenberg (2007) comenta em sua dissertação que resolveu gravar alguns sons no/do Lami e que ter-se-ia surpreendido com as sonoridades urbanas várias, as quais não correspondiam ao que esperava encontrar numa área de proteção ambiental. Realmente, quando se pratica a trilha ecológica no interior da Reserva, é possível escutar a dinâmica sonora do bairro (alto-falantes, músicas populares, máquinas em funcionamento, latidos etc), seu cotidiano agitado na zona de amortecimento da UC.

doméstico asselvajado em alguns casos<sup>41</sup>. Quando o olhar que se projeta de fora para dentro – a relação ambígua entre casa e rua, os limites entre o privado e o público (Damatta, 1997), meio borrados em certos casos, percebe-se nuances arbóreas definindo o alcance das luzes, os nichos das sombras. A fauna percorre os lugares mais ou menos errantes, por vezes assídua, em suas vicissitudes de praticá-los em busca de alimentos e abrigos. Segue por caminhos definidos e espaços territoriais de errâncias, que incluem terrenos abandonados e os pátios alheios. Aliás, os pátios têm *habitués* não-humanos que dependem das possibilidades proxêmicas com outros seres vivos, neste caso, que os *sapiens* toleram em seus territórios.

As ruas e pátios constituem partes significativas das matérias das memórias socioambientais entrelaçadas nos lugares praticados do bairro Lami. A fluidez das imagens ligadas às experiências campeiras contrasta com ocupações desordenadas e porções do bairro sem saneamento básico. As memórias acerca da pesca artesanal, da balneabilidade e dos veraneios estão presentes na área do bairro conhecida como « praia »<sup>42</sup>, com suas casas de moradores antigos e de veraneio (algumas em arruamento). Aquele ponto representa transformações urbanas do logradouro ao longo do tempo (a iluminação pública, construção do Calçadão, banheiros públicos, calçamento/asfaltamento, serviços de saneamento básico) e identifica certas tensões entre a continuidade das memórias afetivas e as alterações dos modos de vida dos moradores, especialmente diante dos loteamentos, por vezes irregulares, que surgem em determinadas partes do Lami, no extremo sul de Porto Alegre, como os da Parada 21, nas proximidades da Rebio.

---

41 A ideia de “limpar” o terreno do “mato” é uma visão pela qual os naturais sujam, de que instauram desordens demais, onde a experiência humana exige um grau de organização, da elaboração de domesticidades como experiências familiares, de estabelecimento de um pátio junto à morada. A ausência de plantas nos terrenos, pelo desejo, até certo ponto asséptico, de cimentá-los, funda emocionalmente um lugar de pertença. Por outro lado, o doméstico asselvajado tem relação com pátios onde os proprietários permitem a presença arbórea nativa como um deleite estético, mas também enquanto corredor ecológico para a fauna silvestre. Por isso, um deixar ser, ou um certo compromisso ético com a conservação, produz vínculos com paisagens de pertença, especialmente quando se pensa nos antigos moradores. Seu Carlinhos (79 anos) disse que não mexia no terreno, tinha cuidado com a figueira que abrigava os bugios (“camaradas”) cotidianamente em seu pátio – “o que eu puder fazer, eu faço!” -, que, de vez em quando, dormiam na sua ambiência arbórea (“vieram pra passá a noite”). O senhor ponderou: « cortam o corredor... nossos lugares bonitos estão sumindo ». Recentemente uma jovem ligou para a Rebio, pedindo sugestões sobre espécies vegetais nativas, pois desejava cultivá-las e, assim, auxiliar os bugios que frequentam o seu pátio.

42 Local onde realizei a etnografia com mais intensidade. Trata-se de um conjunto de casas que se distribui ao longo da orla do Guaíba, parte urbanizada que se estende da rua do Pontal (que margeia a Rebio) até, pelo menos, as imediações do casarão dos Bernardes, com arruamentos (alguns muito estreitos, com becos) que representa um núcleo mais antigo do Lami. As imagens do habitar o bairro apresentam-se como oposições entre o « morar na praia » e o “morar na fábrica” (região mais afastada, situada nas imediações da antiga empresa/agroindústria AVIPAL – Aviação Porto-Alegrense S.A.), comumente utilizadas por moradores do Lami.

Sendo assim, as reconfigurações do cotidiano no bairro pela chegada do asfaltamento, da distribuição limitada de bem-feitorias urbanas, além da ocupação desordenada de seus terrenos, permitiram a ampliação do comércio, o que se traduz no aumento populacional que o Lami experimenta nas últimas décadas, acelerado por processos de higienização das regiões centrais (especialmente após as « obras da COPA FIFA 2014 », como ouvi no Lami<sup>43</sup>). Tais processos de gentrificação humana deslocam as populações de baixa renda para o extremo sul do município em busca de terras baratas para adquirirem ou ocuparem.

### **O bugio pendurado no galho da figueira: espécies-bandeiras, ou a força das interações no contexto do Lami**

O Lami comporta cenários com casas antigas de veraneio e outras mais recentes. Acolhe desde longa data práticas artesanais de trabalho como a pesca, que agrega a feitura e os reparos de redes, a carpintaria de barcos<sup>44</sup> no pátio e na rua contígua ao terreno; a manutenção de pequenas roças e o cultivo de plantas frutíferas pela região; o manejo de sítios e haras, a presença de fazendas. Há o caráter prosaico das ruas e seus cães comunitários em frente aos portões, assistidos por famílias vizinhas; o chão batido das ruas esburacadas, os fios elétricos praticados por bugios-ruivos e ouriços-cacheiros que deambulam nas linhas. Existem passagens de fauna<sup>45</sup> (pontes produzidas com cordas e outros materiais, por onde se dão os devires arborícolas) instaladas sobre as ruas, entre os galhos das árvores.

---

43 Como aparece no estudo de Rechenberg (2007). Ver interessante artigo de Araújo (2014).

44 A figura de seu Gaiola, que aparece como antigo morador do Lami no Plano de Manejo da Rebio (Printes, 2002) e na pesquisa etnográfica de Fernanda Rechenberg, é de um narrador importante para o entendimento das artes de fazer ligadas ao ofício da pesca, à carpintaria naval. Dona Tereza, sua esposa, também narradora naquela etnografia, revela os conhecimentos femininos e as parcerias do trabalho nas artes da pesca. São registros importantes sobre a pesca no Lami de dois antigos moradores da praia.

45 As passagens de fauna, ou “pontes”/“pontes dos bugios”, têm um papel extremamente grande quando se pensa no conjunto de mamíferos arborícolas que as utilizam comumente (gambás, bugios e ouriços, de acordo com seus ritmos circadianos), mas também uma gama de outras espécies. As linhas elétricas são um problema no derivar dos bugios-ruivos pelos espaços, já que a fragmentação dos ecossistemas arbóreos afeta-os diretamente, porque, até certo ponto, as frequentes eletrocuções com mutilações e sequelas de toda ordem, como as que ocorreram em 2019 e 2020 (com a morte de um indivíduo), são um problema na conservação da espécie. Os registros existem, pelo menos, desde 1999 (Lokschin, L. X. et al. (2007). A avifauna local também corre risco. De acordo com o artigo citado acima, a ponte, enquanto um artefato de conservação, assemelha-se “a uma ‘escada de navio’, mas na orientação horizontal. Os ‘degraus da escada’ são usados pelos bugios no plano horizontal (da mesma forma que as escadas são usadas pelos humanos verticalmente)” (ibid, 2007, p. 77). Tradução livre.

As figueiras (*Ficus sp*) ocupam um lugar sensível e ativo nas paisagens do bairro, no mundo campeiro<sup>46</sup>. Cada figueira é um complexo conjunto de ecossistemas e (as)sociações possíveis com outros seres (microorganismos, fungos, formações mutualísticas<sup>47</sup> de diferentes ordens, com vespas para a reprodução, (epífita)sociologias nas ramagens, de dispersão de sementes por vertebrados), já que o esforço da planta em durar no tempo agrega parceiros ao seu devir que se traduzem em diversas cooperações, assim como interações tensionais envolvendo a proteção do si-vegetal em certas associações, por exemplo. Os processos criativos de elaborações de formas misturadas, « híbridas », de ambiências co-produzidas que persistem e que se renovam, constituem fisiologias e figurações nas paisagens do Lami. Este panorama vibra como uma qualidade de memória coletiva, microssociológica, que concebe formas interespécies de socialidades duradouras, comunicacionais, com níveis significativos de intimidade da matéria viva entre os existentes, que derivam juntos nas temporalidades de suas paisagens e afetam diretamente o humano.

A potência vegetal da figueira traduz-se pelo seu gigantismo arbóreo<sup>48</sup>, pois o devir progressivo da planta almeja as alturas<sup>49</sup>. A figueira, assim, é um marco em torno do qual gravita um mundo de seres em relação, seja na floresta ou no campo. Trata-se de um tipo de recanto ou refúgio, pois, sob a sua galharia e os liames esparramados das barbas-de-pau (*Tilandsia usneoides*), faz-se um mundo, em parte lenhoso e foliar: as bromélias e orquídeas encontram nichos perfeitos de fixação.

---

46 Elas configuram “marcos paisagísticos” (D’Elboux, 2018, p.1), muitas vezes relacionadas à morada, ao galpão, à casa colocada sob sua galharia, como existem muitas no Lami. Portanto, há certa proximidade com a fauna (e flora) associada a elas, como os bugios. Os contos de João Simões Lopes Neto A Figueira - sobre os dilemas da umidade excessiva da morada sob uma árvore frondosa - e Entre Bugios, indicam, a partir do olhar do escritor, o grau das suas interações com humanos, bem como as fabulações sobre os seres no universo gauchesco. Ver: <http://www.paginadogaucha.com.br/bibli/romualdo.htm>

47 Sobre as interações mutualísticas, grosso modo, é possível afirmar que se trata de um conjunto de interações entre coletivos inter/multiespécies cujo benefício mútuo (reciprocidades biofísicas) pode, ou não, ter consequências quanto à elaboração de formas fisiológicas interdependentes, congruentes no derivar juntos no tempo.

48 O belo texto de Roseli D’Elboux (2018) fornece elementos importantes para pensarmos o lugar das figueiras na experiência humana no mundo, assim como a sua duração no tempo e suas figurações no imaginário paulista, nas memórias dos lugares praticados ao longo do tempo, em paisagens urbanas. Duarte (2007) refere-se a *Ficus* no contexto de Belo Horizonte, abordando o tema do “patrimônio verde” urbano, fornecedor de sombreamentos e refrigérios. A arborização figura como signo de embelezamento e a consequente produção de cartões postais, de túneis verdes, como os de mangueiras (*Mangifera indica*) em Belém (PA).

49 Mas a história de vida de um *Ficus* tem relação direta com o seu crescimento, ou ao seu esparramar-se num raio de extensão pelo vegetalismo ativo. As figueiras podem distribuir o tronco e a galharia em posições pouco elevadas e de fácil acesso à fauna terrestre e aos humanos. Elas produzem formações muito grandes na ocupação de nichos e produção de outros, prestando-se ao devaneio do repouso.

Sabe-se que sua frutificação é um banquete aos convivas de todos os tipos; do seu raizame criam-se adensamentos de memórias nos lugares e uma ambiência melancólica de recolhimento. O imaginário arbóreo das figueiras evoca imagens cuja « pujança simbolizante » (Wunenberger, 2018, p. 58), dinamiza formas paisageiras vegetais que vibram num cenário de interações mais-do-que-humanas. As árvores « enfeixam poderosos potenciais imagéticos » (Farah, 2008, p. 33) e participam na tessitura de vínculos simbólico-afetivos com os lugares de pertença, delongam e persistem agentivas nos lugares, porque desdobram-se nas paisagens, nas feições dos lugares que configuram com outros seres. Elas duram no tempo<sup>50</sup>.

Figueiras sugerem homens lentos, meditativos, no sentido da tradição budista (o lugar de iluminação do Buda embaixo da figueira); requerem uma poética da lentidão, para evocar Sansot (2000), predisposições a certa rítmica da vida vivida e suas deambulações, bem como seus enlaçamentos com os lugares praticados e rememorados no cotidiano. Pago e pouso: a figueira é uma imagem de refúgio. As formas sensíveis vibram no vegetal - nicho sutil e intrincado que compõe uma ecologia de interações mais-do-que-humanas<sup>51</sup>. À simbólica da árvore como uma espécie de nutriz do mundo, de guarda-chuva de relações ecológicas, ligam-se as associações do tipo *vespas-figueira-bugios-ruivos*<sup>52</sup> como imagem icônica para a conservação de espécies neotropicais ameaçadas de extinção no Capitaloceno, na porção austral brasileira.

O complexo bugio-figueira é emblemático no Lami, desdobrando-se nas figurações das *espécies-bandeiras* nos cenários de interação no bairro, produz *carismas*: tanto o bugio-ruivo quanto as figueiras, e as

50 A árvore longeva deve ser encarada como um patrimônio verde, arbóreo, biocultural (Silveira, 2014). Nela reverberam memórias antigas, ligadas à fixação no espaço, pois mobiliza simbólicas de imagens do repouso no lugar, os devaneios da morada (Bachelard, 1988b). As figueiras têm suas agências e sua mística; são concreções da memória viva propícias ao devaneio sobre a matéria sensível do/no tempo, sobre a arquitetura botânica e a tessitura das suas relações, aos feixes de imagens associadas a elas. Ver as reflexões de Blicharska e Mikusinski (2014) sobre as políticas de conservação de “grandes árvores velhas”.

51 Onde vibram imagens que reverberam noutras potências do vivo – desde o solo, passando pelas vespas e bromélias, pelos sabiás e bugios, tocando os humanos, por exemplo.

52 Ver Ma et al. (2009); Chaves, *Jornal da USP* (2018); Bicca-Marques e Chapman (2018). Existem diversos trabalhos sobre alimentação de bugios-ruivos, assim como sobre espécies dispersoras de sementes de *Ficus*. Quanto ao papel de *A. g. clamitans* na dispersão de sementes de *Ficus*, destaque o estudo de Chaves, Bicca-Marques e Chapman (2018), que se referem aos bugios-ruivos como dispersores eficientes (em termos quali-quantitativos) de sementes, dada a sua flexibilidade dietária (p.1). Eles desempenham um papel impressionante no espalhamento de sementes para espécies de Mata Atlântica (p.9), sendo importantes dispersores para espécies com sementes pequenas, como as figueiras (p.12). A necessidade de as sementes passarem pelo trato digestivo do primata para facilitar a sua germinação é um fato.

suas interações interespecies, são vetores de relação para o conservacionismo no Lami. No devir ecossistêmico, representa um mutualismo devedor de outros bastante sutis: as vespas-do-figo polinizadoras, as figueiras e os bugio-ruivos constituem uma tríade que se conecta por linhas de devires/redes sociotécnicas de gestão do vivo, de conservação do biodiverso, às experiências mais-do-que-humanas que configuram *formas sensíveis da vida biosocial* no mundo rururbano contemporâneo de Porto Alegre. Neste sentido, há uma ecologia política que coloca o Lami no campo de debates em torno da conservação da *natureza natural* e dos mananciais hídricos, que reverberam nas preocupações socioambientais mais globalizantes.

Nestes termos, o acompanhamento das errâncias pelo universo intrincado das ramagens possibilita etnografar/registrar/captar as agências *Alouatta* no mundo com humanos. No Lami, os coletivos se deslocam pelos diversos lugares, certos pontos de parada/sociabilidade e de manejo estabelecidos pelos grupos. Projetam-se e misturam-se nas relações ecológicas do bairro, negociam com o lugar. As linhas de deriva que conectam bugios e figueiras fazem de ambos co-partícipes na *unicidade* que é uma paisagem. A cauda preênsil<sup>53</sup> é uma linha de conexão sensível às formas arbóreas, especialmente às figueiras, que são, para usar uma bela imagem de Bateson (1990), um « padrão que une », indicando uma série de biossocialidades, de formas convergentes em determinados lugares do bairro e que encontram no imaginário da morada um refúgio. Esta é uma das figurações paisageiras do Lami que anda em paralelo às ações antropogênicas seculares, e por vezes impactantes, no extremo sul da capital.

Se seguimos Mauss (1974) e Leroi-Gouhran (1965), precisamos pensar na cauda preênsil como porção operatória do corpo, entendida, também, como a primeira ferramenta sensível *Alouatta* e da qual participa uma memória interespecies que adequa formas por convergências, de onde emergem outras imagens que confluem no jogo social interespecies. A cauda preênsil dos bugios é um membro de locomoção e de

---

53 As reflexões que seguem surgiram de questões difíceis de responder acerca de como seria estar-no-mundo a partir da suspensão de uma cauda preênsil? Como seria a ontologia de um ser-no-mundo que detém uma cauda preênsil e que se engaja nele a partir de outra perspectiva, ou ponto de vista, o da suspensão? Obviamente que não tenho ambições de responder a tais perguntas, mas a perspectiva e as formas de interações *Alouatta* com humanos e não-humanos interessam-me, e nela sua cauda tem lugar relevante.

manejo arborícola que ocupa, certamente, um lugar na economia de seus afetos intra-grupo, no que constitui o mundo-próprio *Alouatta*, definindo pontos de vista e escolhas.

O gesto de agarrar, de enlaçar e alcançar formas vivas (e determinados artefatos humanos), implica domínio de técnicas corporais basicamente arborícolas<sup>54</sup>, num contexto sutil de interagências vegetais. No inverno nublado, por exemplo, (con)fundem-se com o *Ficus* e suas estruturas<sup>55</sup>, nas paisagens. Neste sentido, a cauda preênsil é uma forma que evidencia o devir arbóreo e, por desdobramento, o lugar dos macacos na dispersão de sementes de figueiras pela região, uma espécie de vegetalismo-animal. *Alouatta* e *Ficus* (sem esquecer das vespas polinizadoras) formam um conjunto heteróclito de cooperações e tensionamentos que contribuem para o caráter das paisagens. Anunciam pontos de vista, acolhem ontologias (dos seres em relação nos lugares) que vibram no espaço e no tempo da zona sul porto-alegrense.

O mundo-próprio *Alouatta*, parece-me, é também aquele das acrobacias, de malabarismos ágeis e de desafios cotidianos para deslocamentos e alimentação a partir de cinco membros, mobilizando a ecologia tensional do bairro, da fragmentação dos corredores ecológicos. As deambulações sobre a fiação elétrica são um signo disso. A agilidade com que se deslocam, a precisão, o cálculo e a atenção na travessia somam-se às suspenções pelas caudas de indivíduos jovens situados lado a lado, às vezes três deles, em complexa interação comunicacional. O macho adulto a tudo assiste de uma posição mais elevada; a fêmea cuida do filhote, que se diverte com os membros juvenis do bando. O jogo/a brincadeira é constante e sua função simbólico-afetiva entre macacos de vida livre na urbe, ainda pouco conhecida, mas, certamente, tem importância na aprendizagem pelo ludismo e sociabilidade parental, com relevância para o enfrentamento da vida adulta.

O intrincado da densa galharia de uma figueira revela-se ao olhar quando ela se estende sob a forma de ambiência. Acolhe, mas também potencializa sua presença na paisagem ao longe, quando define um ho-

54 Há registros de bugios deslocando-se no solo, devido à fragmentação dos ecossistemas e à falta de corredores ecológicos e pontes. Deambulam no chão, movimentando-se nos espaços dos lugares praticados por eles, correndo diversos riscos.

55 A imagem que vibra aqui é aquela da capa do livro « A árvore do conhecimento », de Matura e Varela (2001), onde aparece um lagarto-árvore, autopoético, engendrando a si mesmo, um tipo de existente que resulta de um derivar juntos planta-animal, definindo congruências entre si e o meio.

rizonte<sup>56</sup>. Ela também entrelaça inúmeros pátios, porque se expande senhora de si, e se liga às existências outras, confundindo-se na formação arbórea distribuída nos terrenos. Uma figueira *bairral* define contornos simbólicos em torno de territórios coexistentiais – um conjunto delas é uma constelação de forças imagéticas vibrando vivas, tocadas por expressões culturais locais, produzindo vínculos identitários - que « unem em separado » moradores e não-humanos (selváticos/domésticos/asselvajados/amansados/exóticos<sup>57</sup> mais ou menos invasivos), que praticam os lugares.

Para mim, as grandes figueiras são sempre territórios existenciais de si e dos outros; pontos de ancoragem das memórias coletivas; *axis mundi* de fulgurações sensíveis do/no lugar, quando não, fantasmáticas diante da duração acidentada do tempo, de certa rítmica do gauchesco. A região, certo caráter de mar interno que apresenta, foi palco de enfrentamentos políticos e guerrilhas. O Parque Estadual de Itapuã, situado em região onde circulam narrativas sobre revoluções e conflitos vividos no passado (Revolução Farroupilha, entre outras) está próximo do Lami. O bairro é uma localidade que dura no tempo, um cenário de acomodações tensionais de imagens que giram, simbolicamente, em torno de expressões, formas, sensibilidades e temperamentos do universo gaúcho, na configuração de lugares de pertencimento<sup>58</sup>.

\*\*\*

O jovem bugio suspenso pela cauda no fio elétrico alcança o galho do ipê-amarelo (*Handroanthus albus*) e saboreia flores. O outro, sentado na figueira, olha-me meio *blasé* e regala-se com o repasto.

56 Para Wunenburger (2018, p. 62): « Olhar uma árvore, por exemplo, não desperta na consciência somente a representação de ideias simplesmente associadas, como um jardim de prazeres ou o corte da madeira para aquecer, mas conduz, por exemplo, a imagens de vida e mesmo de uma vida dotada de longevidade impressionante, e, finalmente, à ideia de uma eternidade para além da morte. A imagem se torna, a partir de então, em sentido estrito, simbólica, no sentido de que sua força psíquica, sua consistência semântica vem de metassignificações que são, de uma só vez, ligadas ao conteúdo e desligadas, porque pertencem a um outro nível de experiência sensível ou inteligível. A imagem, enquanto símbolo, repousa, portanto, ao mesmo tempo, sobre um elo e uma ruptura (DURAND, 1968; WUNENBURGER, 1998) ».

57 As tarrãs gritam do alto de pés de Eucaliptus; bugios-ruivos dormem em Pinus e forrageiam em cinamomos (*Melia azedarach*).

58 As grandes árvores, como figueiras (*Ficus sp*) e umbus (*Phytolacca dyoica*) - e suas associações com os capões da mata - no contexto missionário gaúcho (Silveira, 2004), desempenharam papéis simbólicos importantes no cenário do « tempo das revoltas », pois, sob as velhas árvores, ocorreram entreveros belicosos. Além disso, os ocós de suas raízes forneceram refúgios às famílias durante turbulências políticas entre os séculos XIX e XX, conforme ouvi dos narradores. Também eram marcos nas paisagens, onde ricos e ladrões enterravam tesouros devido aos saques de coletivos de todas as ordens, de montoneras a serviço de caudilhos platinos, ou de caudilhetes locais.

## **A naturezacultura como expressão do « mundo da vida rural na<sup>59</sup> » no Lami: os bugios-ruivos nos pátios**

O beco Beira-Rio é uma ambiência interessante e singular pelos seus meandros. Quase caverna, revela um misto de construto humano e de intensa natureza arbórea, uma socionatureza mestiça, humano-vegetal, que se liga a derivações ecológicas *humanimais* no lugar praticado, com « vetores de relação » do tipo: primatas-figueiras-telhados de moradias-árvores-postes-fios elétricos-passagem de vida silvestre-pátios. A mescla de adensamento de casas mostra uma ocupação dinâmica que dura décadas. Alguns de seus moradores habitam o lugar faz tempo e procuram viver em consonância com a enormidade das árvores e as deambulações de bugios-ruivos e ouriços-cacheiros nos telhados das casas. Apreciam o convívio. Além disso, o beco, como um aglomerado de residências sob figueiras, localiza-se às margens do poluído Manecão, que deságua na praia, justamente aquela mais procurada pelos banhistas durante o veraneio.

Há, pelo menos, um coletivo *Alouatta* que deambula pelos espaços, chamado de « o bando do beco » e que utiliza as árvores, o telhado da casa de Pituca e a passagem de fauna instalada no local. A situação precária da fiação elétrica, o imenso número de « gatos » promovidos pelos moradores, coloca dilemas éticos quanto às condições das vidas humanas, dos macacos e ouriços no local. Assisti a cenas tensas de um jovem bugio deslocando-se pela fiação irregular até alcançar a passagem de fauna.

Tais elementos mencionados acima aparecem de forma distinta na José Bernardes, onde moradores antigos constituem o grosso dos habitantes da rua situada na « praia ». Nela, Bárbara<sup>60</sup> (35 anos) passou parte da infância, portanto, conhece vários moradores antigos do local, mantendo laços duradouros de vizinhança. A sua trajetória de vida está intimamente ligada às vinculações sensíveis que estabeleceu com o bairro: a meninice vivida no lugar, a orla e os banhos de rio, a liberdade de brincar e viver na zona rural porto-alegrense, a presença cotidiana de bugios, figueiras e tantos outros seres.

---

<sup>59</sup> Ver nota 3.

<sup>60</sup> Ela atuou como estagiária na REBIO Lami. É formada em Educação Física e trabalha com arte-educação. Atualmente, cursa Educação do Campo, na UFRGS.

A casa em que mora está situada num terreno longo que contém diferentes edificações distribuídas na sua espacialidade. Existe uma enorme figueira junto ao muro que dá para a rua Nova Olinda (recém asfaltada, dizem, para facilitar o deslocamento até o Posto de Saúde). Trata-se de um uma construção sólida, com quatro andares (Felipe<sup>61</sup>, morador local e ambientalista, chamou-a certa vez de “muralha”). Dali é possível obter uma ampla vista do bairro e da região do entorno do Lami, além de permitir observar bastante de perto uma família de bugios que frequentou seguidamente o terreno (entre 2018-19), forrageando/descansando/socializando junto às figueiras e demais plantas que ocorrem no local, neste caso, na José Bernardes.

O pátio da família vizinha (à esquerda) junto ao de Bárbara e, logo depois, o do falecido seu Carlinhos<sup>62</sup> (à direita) constituem um fragmento de mata nativa manejado [um capão com figueiras, jerivás (*Syagrus rommanzofiana*), capororocas (*Myrsine sp*), ipês-amarelos e branquilhos (*Sebastiania serrata*), entre outras], que representa importante espaço de forrageio, descanso e frequência de várias espécies da fauna nativa, entre elas bugios-ruivos, ouriços-cacheiros, gambás-de-orelhas-brancas, muitos passeriformes e araquãs (*Ortalis guttata*). Existem três enormes figueiras, uma delas localizada no outro lado da rua, no pátio « dos Ventura », família que vive na região há bastante tempo. As outras duas distribuem-se pelos vizinhos contíguos. Entre as figueiras foi colocada uma ponte de passagem de fauna.

O fato de a casa de Bárbara destacar-se nas paisagens do bairro pela sua altura próxima ao *Ficus*, permite que a observação dos bugios seja muito fácil a partir dele. Inclusive, coletivos *Alouatta* alcançam e

---

61 Felipe, por sua vez, é outro personagem desta experiência etnográfica, assim como Renata, sua esposa, que é bióloga. O casal possui uma filha, Luana. São vizinhos de Bárbara no Lami. A família possui uma loja de produtos naturais/alternativos (Banana Verde) no Bonfim, “bairro judeu” de classe média/média alta em Porto Alegre. A família de Felipe possui uma área de terras (em torno de 200 hectares florestados e preservados) junto à REVIS - Morro de São Pedro, sendo lindeiros da UC, onde situa-se o Instituto Econsiência. Ele é estudante de geografia e conhece bem as problemáticas socioambientais da região do Lami. Além disso, é um ator importante no cenário da ecologia política local. Participa como conselheiro na REBIO do Lami e no Parque Estadual de Itapuã e também participa dos debates sobre o Morro São Pedro e da região do Arado (área de relevante importância socioambiental da Zona Sul, ameaçada pela especulação imobiliária).

62 Seu Carlinhos, com quem conversei certa vez, morava há mais de 20 anos no local. O idoso também era cuidador de cães de rua – há uma quantidade significativa de cães com guarda compartilhada naquela porção do bairro. Ele possuía uma relação bastante afetuosa com os macacos, indicando que a passagem cotidiana dos coletivos *Alouatta* por sua propriedade era algo que estimava e zelava. Portanto, os primatas têm no seu terreno uma área de descanso e de proteção, já que nele há uma figueira de grandes proporções. Atualmente a sua morada está à venda, como muitas outras no Lami, e parte do corredor foi cortado.

frequentam certos espaços da edificação, pois descansam na chaminé, percorrem as muradas, aproximam-se das janelas. Nos fundos da casa, noutra parte do terreno, há uma figueira frondosa que se situa ao lado de outra, também enorme, no pátio vizinho. É um corredor ecológico importante, ainda que um tanto fragmentado, especialmente quanto aos itinerários urbanos dos macacos. Essas figueiras da Nova Olinda<sup>63</sup>, junto com as da José Bernardes, constituem um grupo de cinco grandes árvores naquele ponto do bairro, tratando-se de lugar relevante para a conservação das relações mutualistas e sensíveis entre figueiras-bugios-ruivos na « praia », nos ecossistemas rururbanos do Lami.

O coletivo *Alouatta*, *habitué* do pátio, agencia, através de comportamentos, gestos e formas comunicacionais intraespécie, certo saber-viver e exerce o manejo dos elementos constituintes (vivos ou não) na espacialidade do lugar, mediante seus mundos-próprios. A partir dali, seguem os seus trajetos rururbanos nos espaços domésticos através do conjunto de árvores nos pátios, que fornecem acesso aos telhados da casa de seu Carlinhos, de onde alcançam telhados adjacentes. No trajeto, podem utilizar como apoio uma goiabeira (residindo ali um ponto crítico no deslocamento), presente no pátio do vizinho dos fundos. O pequeno cão late estressado para os macacos. Estes alcançam árvores nativas presentes no terreno ao lado, cuja entrada situa-se na Nova Olinda, através do uso dos telhados: o domínio dos caminhos indica um mapeamento da espacialidade dos lugares, certo « mapa mental<sup>64</sup>», e revela uma forma inteligente de acessar fontes alimentares na ausência de plantas que constituam pequenos corredores ecológicos nos interstícios dos pátios, através deles, ou apesar deles<sup>65</sup>.

---

63 Os primatas precisam vencer um trajeto longo pelos telhados para alcançarem determinadas árvores nativas em que forrageiam, próximas à casa ao lado da de Bárbara. Na rua Nova Olinda, nas proximidades das figueiras, um bugio foi recentemente eletrocutado (junho de 2020) e não resisitu às graves mutilações.

64 A grande figueira é um « marco paisagístico » (D'Elboux, 2018), conspicuo no lugar, e reverbera na percepção inteligente do espaço por coletivos *Alouatta* para a elaboração sensível de « mapas mentais » (Pereira, 2008), a partir de «marcos referenciais» identificados pelos primatas.

65 Se a fragmentação do espaço, acompanhada do desmatamento pela ocupação desordenada do solo, é um problema para animais arborícolas, nota-se que, para os terrestres, diante dos muros, cercas e cães domésticos, pode tornar bastante difícil, ou quase impossível, o deslocamento pelos fragmentos de mata.

## Derivas primatas pela « praia »

No primeiro semestre de 2019, acompanhei na rua José Bernardes, onde fica o pátio da casa de Bárbara, uma família de bugios-ruivos alimentando-se ao longo da via e utilizando-se de um conjunto de três figueiras, entre outras espécies vegetais. Os pátios, pelo que tudo indica, constam nos territórios e mapas mentais dos primatas e sua utilização dos espaços citadinos, através das propriedades particulares e terrenos sem habitações, ou áreas de conservação próximas à beira de praia (REBIOJL; FUPALA - Fundação de Proteção ao Ambiente Natural do *Lami*), torna o acompanhamento difícil quando se movem, interessados por algum motivo. A oportunidade de observá-los, alimentando-se ou descansando em área urbanizada (rua ou pátio), com parcelamento do solo e trânsito contínuo de pessoas e automóveis, permite compreendermos as formas pelas quais os coletivos *Alouatta* agenciam seus cotidianos em relação aos humanos, suas práticas e artefatos (cultivo de espécies nativas e exóticas da flora; colocação de postes e fios elétricos; construção de muros, telhados, chaminés e pátios).

Deambular pelas ruas do Lami é, de alguma forma, interagir com transeuntes, estabelecer conversas, enfim, dialogar com pessoas que praticam os lugares do bairro; ser observado por humanos e não-humanos (silvestres, ou não): matilhas de cães de médio e pequeno porte observam, meio vagabundos, *habitués* das ruas do bairro. Muitos pássaros frequentam o Calçadão, as árvores baixas e a orla do Guaíba. A interação com a avifauna é sempre intensa e variada. O observador de pássaros no Lami se regozija. Mas são os bugios que me interessam mais diretamente.

O caminhante-antropólogo ou o etnógrafo de rua (Eckert e Rocha, 2014), interessado em descobrir as expressões formais da *naturezacultu- ra* no Lami (a fisionomia, a aura, os patrimônios bioculturais, o verde na/da urbe) e instigado pelos seus trânsitos nos espaços da « praia », percebe *in loco* que a socialidade *Alouatta* é íntima das interações *com Ficus* – por si só um universo ecossistêmico complexo. Pode ser um dado ecológico, mas, acima de tudo, revela um *fato social total*, porque dinamiza processos biopsicosociais sutis entre os existentes (incluindo humanos), ora cooperativos, ora agonísticos. Além disso, é preciso ade-

rir sensivelmente às paisagens campeiras, onde a díade figueira-bugio é parte das experiências gaudéias no tempo e que vibram como vivências paisageiras coletivas, gestando arranjos de conteúdos evolutivos e históricos diversos, assim como formas coexistenciais de interações que revelam patrimônios extensivos à natureza e à cultura no bairro.

Os hábitos arborícolas de tais coletivos colocam um desafio metodológico ao observador que percorre o bairro do Lami, de como « persegui-los » nas deambulações que realizam na cidade, ou ainda, de tentar compreender seus múltiplos engajamentos com artefatos e superartefatos humanos (telhados, portões, muros, ruas, fiação elétrica, passagens de fauna etc.) no seu derivar pelo espaço. Por outro lado, é preciso atentar para como os humanos leem/representam/se interessam, ou não, por suas passagens cotidianas no/sobre os pátios e habitações, pela fiação elétrica<sup>66</sup>. Refiro-me mais diretamente àquela porção da « praia » que vai dos limites da Rebio (rua do Pontal) até a altura do «beco Beira-Rio».

Com um pouco de sorte e atenção, pode-se encontrar bugios-rui- vos em diferentes partes do bairro praticando pátios. Por vezes, existem indícios de que eles deambulam pelos espaços do calçadão (excretas dispersas, bastante frequentes, que demonstram o uso dos lugares para defecação, abaixo da figueira da casa do professor de Filosofia), ou o « gritado » de bugios nas suas derivas *barriais*, significando enfrentamentos e sociabilidades pelo Lami. Mas o interessante é que os bugios nos observam, e com atenção.

A experiência de ser observado muito de perto e, principalmente, por um macho avermelhado e dominante do grupo, que desceu para uma árvore mais baixa a fim de nos observar (eu, Bárbara e sua amiga uruguaia, Caroline) na rua em frente à morada, teve um impacto ético-estético significativo sobre mim como antropólogo, sobre como me relaciono com as alteridades e os mundos outros não-humanos: o olhar do macaco (mas também de seus familiares) re-situou a minha posição no jogo, como indivíduo humano que se relaciona com outras sensibili-

---

66 Ouvi muitas referências aos bugios e à sua conservação no bairro, tais como: “ficam ali atrás... no matão” (Seu Carlinhos); “andam pra lá e pra cá”, “tão sempre aqui, né”, “tem um filhotinho tri-bonitinho”, “o bando do escabeladinho” expulsou um “bugio véio”, “tem que colocar uma ponte”, pois (no beco) « já morreram uns dois ali » (Almiro); Vera referiu-se à “minha família” (grupo de bugios que acompanha desde 2008); “todo dia de manhã”, passam por cima da casa e retornam à tarde, pois “o canto deles dormir é aqui nesta árvore” (Renata); Seu Alcides: « aqui no Lami tem que preservar!»

dades. Em verdade, o macho curioso e seu bando interagiram conosco, unindo os humanos em torno de emoções compartilhadas, numa paisagem de coexistências. O macho jogou com tolerância proxêmica (Hall, 1977), com os limites entre proximidade-distância (Simmel, 1983) e observou-nos por longo tempo, interessado pela diferença.

A presença dos coletivos de bugios nos espaços ocupados por humanos ocorre tanto nas ruas como na interioridade dos pátios. Bugios desconhecem a oposição público-privado e, por isso mesmo, deambulam *pelas e nas* espacialidades dos lugares (ruas) ou localidades dos espaços (pátios). A sua mobilidade é intensa. Acompanhá-los é, portanto, deslocar-se, perscrutando agentivamente os lugares, engajando-se com eles nas paisagens. Observá-los de perto é, assim, acionar formismos que expressam a proximidade-distância interespecies nos lugares praticados e, desta forma, tocar o tema da desestabilização dos limites, recolocando a condição de estranhamento do familiar (Velho, 1987) e das diferenças no cotidiano da cidade de Porto Alegre, das fronteiras acerca das espécies de companhia paisageira (mais ou menos selváticas, nem tanto domésticas) É um olhar estrangeiro sobre a vida no bairro do Lami. É compor paisagens coexistenciais.

Há momentos de forrageio, quando percorrem os meandros das copas buscando folhas, flores e frutos; de descanso (por vezes, estiram o corpo ao longo do galho deixando as patas suspensas, ou se agrupam tranquilamente na copa de uma árvore) e de jogos sociais como brincadeiras, afagos, *groomings* e, mesmo, de manterem-se suspensos pela cauda preênsil no cabo da fiação elétrica, num tipo de assembleia comunicacional. Existem muitas formas de interação do grupo entre si e deles com os outros.

As socialidades primatas não-humanas ocorrem em diversos lugares praticados pelos humanos, sejam eles públicos ou privados. Nem sempre os passantes se dão conta da presença dos macacos nos cenários no bairro, pois, geralmente, estão concentrados nos seus afazeres e não percebem o coletivo *Alouatta* em posições um pouco mais elevadas em relação aos seus horizontes de visão, ou devido ao fato de que os animais são muito discretos nas suas atividades, vocalizando pouco e, assim, permanecendo sem serem notados nos fios de luz ou nos galhos das

árvores. No entanto, se percebem os primatas, geralmente, param, comentam, fotografam, ou simplesmente admiram e seguem. Em poucas vezes se mostraram indiferentes.

## **Os vínculos naturezacultura e as figurações mais-que-humanas no Lami**

No meu ponto de vista é preciso interagir e compartilhar o espaço com os bugios de forma lenta, com uma abordagem sensível (Sansot, 1979): jamais com movimentos bruscos. O silêncio é um vetor de relação que permite o diálogo pelo olhar, e os macacos barbados, por vezes, demonstram interesse ativo na interação com os primatas nus, porque observam e perscrutam o humano, avaliam a sua presença partir de seus mundos-próprios. As observações nos espaços do bairro deixam claro para mim que os coletivos *Alouatta* são muito curiosos acerca dos humanos e que se, por acaso, se sentirem seguros no lugar, estabelecerão interações proxêmicas de pouca distância, forrageando em lugares com presença de pessoas, onde atividades decorrentes do trabalho humano (e suas sonoridades urbanas) indicam certa flexibilidade por parte dos macacos na formação de coletivos híbridos no Lami.

Aqui é preciso pensar o deslocamento do lugar do observador, já que quem observa também é observado. Uma *eto-etnografia*, ou a aproximação da etologia à etnologia/antropologia, nos termos de Lestel (2006) e de Kohler (2015), exige um deslocamento do cogito e a aceitação de que os não-humanos e, especialmente, os bugios-ruivos, exercem as suas leituras/percepções em relação ao pesquisador/antropólogo, à sua maneira e mediante seus mundos-próprios. O encontro de primatas, de macacos e símios, é uma dança de ontologias, uma orquestração comum de alteridades em jogo. O encontro de miradas revela uma experiência de alteridade radical, de reciprocidades existenciais, até certo ponto, reencontradas. O potencial de re-situar o humano nas suas relações com outros entes, movidos por uma ecologia do sensível nas paisagens coexistenciais, produz pontes no sentido simmeliano (1996), como um valor estético que reúne termos dissociados, fundando uma ética de relação com as diferenças.

Somos nós, animais simbólicos, cujas ações destroem a continuidade de existências outras-não-humanas ao longo do tempo, que colocamos a vida em risco de extinção no Capitaloceno, que negamos, urbanamente, o diverso de si como imagem do selvático na cidade. Portanto, que inferiorizamos a natureza (a partir de certas ideias sobre ela) pela cultura (ligadas às ideias de cultivo e civilidade, por exemplo), ao mesmo tempo em que buscamos conservá-las. Enfim, que produzimos paradoxos.

Neste sentido, deslocar o humano não é assumir uma visada até certo ponto ingênua, uma ecologia biologizante, destituída dos dilemas (e tragédias) da cultura, bem como da empatia, pois é justo pelo olhar que nos olha (Berger, 2009) e nos significa no jogo social que devemos assumir a nossa participação mais-do-que-humana no mundo e escaparmos da insularidade demiúrgica (Morin, 1975). É necessário compreender as alteridades coexistenciais negociadas nas paisagens como expressões dos seres em relação entre si, onde, por certo, somos mais um no coletivo interespecies, mas com enormes dilemas ético-estéticos por estarmos *com* outros não-humanos no mundo. Sem isso, os bugios são « bichos », e não entes inteligentes, com agentividades, capazes de comunicarem as suas experiências sencientes e de indicarem a nossa instigante e/ou precária humanidade, quiçá nossa capacidade de repensá-la.

Os bugios podem ser *habitués* em certos pátios, indo em busca de alimentação e descanso, como vi na propriedade da família de Bárbara, ou seja, os lugares praticados pelos *Alouatta* podem ser aqueles da domesticidade das casas. Percebe-se que « o homem lento », no sentido de Sansot (2000), segue a rítmica e a *poiesis* dos lugares, suas atmosferas sensíveis, e se conecta aos bugios-ruivos, já que os macacos são muito flexíveis à interação humana. Há uma plasticidade possível de interações entre primatas humanos e não-humanos que nos « unem em separado » (Maffesoli, 1987). É certo que, se a ambiência e a espacialidade do lugar permitirem, determinadas relações de proximidade-distância se desdobram dentro de uma margem de negociações *humanimais* nos usos do espaço físico (com seus entes e coisas associados sob a *forma pátio*), uma paisagem coexistencial que tensiona o doméstico e o selvático na capital.

O problema em torno da questão dos corredores ecológicos, ou ainda, de sua ausência diante da fragmentação das formações arbóreas,

revela-se um drama quando os galhos das árvores alcançam a fiação elétrica, incluindo a proximidade dos telhados que facilita as deambulações pela linha, o que permite o deslocamento de coletivos *Alouatta* « pelos fios », nem sempre seguros, se consideramos que a manutenção pela CEEE<sup>67</sup> não é regular. Os fios elétricos, especialmente os “gatos”, representam um perigo devido à possibilidade de choques elétricos que podem mutilá-los, ou mesmo, serem fatais<sup>68</sup>. Atravessá-los, principalmente, para os infantes é muito arriscado (apesar das táticas maternas de estimulá-lo a percorrer a linha) e a presença de cães abaixo representa um problema palpável. Acompanhá-los na utilizando da fiação é fundamental para compreendermos as formas como se apropriam dos artefatos humanos no mundo urbano e como incorporam tais trajetos às suas intencionalidades junto à cidade. Os fios são linhas de fuga onde dimensões do devir *Alouatta* efetivam-se no mundo urbano, como necessidade e resistência à fragmentação do espaço. No entanto, precisamos oferecer a eles muito mais que as linhas de eletrificação urbana e seus « gatos », que acompanham o desmatamento. Os dilemas em torno da conservação dos bugios no Lami, em parte, residem na expropriação das populações humanas numa cidade com fortes assimetrias sociais: restam as várzeas, os loteamentos irregulares, a ausência de calçamentos junto às avenidas (que colocam humanos em perigo, como bugios em fios), esses espaços vernaculares onde as tensões socioambientais decorrem da urbanização desregrada e da ausência de políticas públicas de habitação, não contribuindo para o que deveria ser uma cidadania mais-do-que-humana.

As passagens de fauna, enquanto artefatos humanos de conservação, conectam-se às ramagens das árvores<sup>69</sup>, mas também representam linhas de fuga e de repouso para os coletivos. « Na rua da Bárbara », uma família *Alouatta* dormiu na passagem de fauna colocada pelos técnicos do campo ambiental por, pelo menos, duas noites seguidas. For-

67 Companhia Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul.

68 A eletrocussão recente (abril de 2020) de um bugio na rua Nova Olinda acarretou a mutilação de uma de suas pernas. A tragédia vivida por ele e por seu grupo durante os dias que antecederam a sua morte – já que permaneceu agonizante, sob o olhar de um indivíduo que o acompanhava numa árvore situada no terreno da esquina da José Bernardes com a Beira Rio - revela as dimensões do problema para a conservação de espécies-bandeiras no contexto de Porto Alegre.

69 « (...) na correlação entre divisão e reunião, a ponte acentua o segundo termo e supera o distanciamento das suas extremidades, ao mesmo tempo em que o torna perceptível e mensurável (...) a ponte, linha estendida entre dois pontos, prescreve uma segurança, uma direção absoluta... ». (Simmel, 1996 .p. 13)

maram o que parecia ser uma estrutura fofa de corpos peludos, que os protegeu na noite fria da « praia ». De qualquer maneira, a agentividade dos grupos *Alouatta* é uma forma inteligente de apropriação de artefatos sociotécnicos voltados à conservação, um corredor que pode propiciar repouso na paisagem, de enorme importância para a permanência da espécie no bairro do Lami, um dos signos de religação natureza-cultura nas temporalidades do Lami no Capitaloceno. Para Bateson (1978), seria o caso de se pensar na *saúde urbana* como um bem comum a todos os entes que praticam as cidades, buscando os padrões de união perdidos.

## Referências

ARAÚJO, G. O. de. Mobilizando os direitos humanos: a denúncia pública do Comitê Popular da Copa de Porto Alegre e suas implicações. *Interseções*, Rio de Janeiro, 2(16): 354-378, 2014.

BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988a.

\_\_\_\_\_. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.

BARBER, M. The ecological *epoché*. *Civitas*, Porto Alegre, 3(17): 456-466, 2017.

BATESON, G. Os homens são como planta. A metáfora e o universo do processo mental. In: THOMPSON, W. I. *Gaia uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Gaia, 1990.

\_\_\_\_\_. *Steps to an ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press, 2000 [1972].

BERGER, J. *Why look at animals?* Penguin Book, 2009.

BERQUE, A. Milieu et motivation paysagère. *Espace géographique*, 4(16): 241-250, 1987.

\_\_\_\_\_. *Médiance de milieux en paysage*. Paris: Éditions Belin, 2000.

\_\_\_\_\_. *El pensamiento paisajero*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.

BLICHARSKA, M.; MIKUSINSKI, G. Incorporating Social and Cultural Significance of Large Old Trees in Conservation Policy. *Conservation Biology*, 6(28): 1558–1567, 2014.

BRENNER, N. The Urban Question as a Scale Question: Reflections on Henri Lefebvre, Urban Theory and the Politics of Scale. *International Journal of Urban and Regional Research*, 2(24): 361-78, 2000.

BUSS, G. et al. A abordagem de espécie-bandeira na Educação Ambiental: estudo de caso do bugio-ruivo (*Alouatta guariba*) e o Programa Macacos Urbanos. In: GORCZEWSKI, C. (Org.). *Direitos Humanos, Educação e Meio Ambiente*, Porto Alegre: Evangraf Editora, 2007, pp.165 – 185.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CHAVES, O. M.; BICCA-MARQUES, J. C.; CHAPMAN, C. A. Quantity and quality of seed dispersal by a large arboreal frugivore in small and large Atlantic forest fragments. *PLoS ONE* 13(3): e0193660. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0193660>

COLLOT, M. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

CORBIN, A. *O Território do Vazio. A Praia e o Imaginário Ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *L'homme dans le paysage*. Paris: Textuel, 2001.

COSGROVE, D. E. *Social formation and symbolic landscape. With a new introduction*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998.

D'ELBOUX, R. M. M. Nos caminhos da história urbana, a presença das figueiras-bravas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 26: 1-23, 2018.

DAMATTA, R. *A Casa e a Rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DESCOLA, P. *Anthropologie de la nature*. Leçon inaugurale, Collège de France, 2001, <http://www.college-de-france.fr>

DOOREN, T. van.; ROSE, D. B. Storied-places in a multispecies city. *Humanimalia: a journal of human/animal interface studies*. 2(3): 1-27, 2012.

DUARTE, L. F. D. Três ensaios sobre pessoa e modernidade. *Boletim do Museu Nacional*, 41:1-69, 1983.

DUARTE, R. H. À sombra dos ficus: cidade e natureza em Belo Horizonte. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, 2(10): 25-44, 2007.

DUBIELA, D. “A FZB NÃO TEM PREÇO, TEM VALOR!” *Memória, patrimônio e imagem no processo de extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2019.

DURAND, G. *Science de L’Homme et Tradition*. Paris: Berg International, 1979.

\_\_\_\_\_. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

ECKERT, C.; ROCHA, A.L.C. *Etnografia de rua*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

ELIAS, N. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ESCOBAR, A. *El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: globalización o postdesarrollo?* pp. 113-143. [www.clacso/espanol/html/libros/ander/6.pdf](http://www.clacso/espanol/html/libros/ander/6.pdf)

FARAH, I. *Poética das árvores urbanas*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2008.

FOOTE-WHYTE, W. *Sociedade da esquina. Estudo social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

FUENTES, A. Naturalcultural encounters in Bali: monkeys, temples, tourists, and ethnoprimateology. *Cultural Anthropology*, 25(4), 600-624, 2010.

GARCIA, C. M. *Ver o presente, revelar o passado e pensar o futuro: A evolução urbana do Bairro Belém Novo em Porto Alegre – RS*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017, 205p.

GRAVANO, A. *El barrio en la Teoría Social*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2005.

- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- HARAWAY, D. *Gender, race, and nature in the world of Modern Science*. New York: Routledge, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Manifeste des espèces de compagnie. Chiens, humains et autres partenaires*. Paris: Éditions de l'éclat, 2010.
- HISTÓRICO – PLANO DE MANEJO DA REBIOJL, SMAM: Porto Alegre, 2019, Mimeo, 8ps.
- HOUSEMAN, M.; SEVERI, C. Lecture de Bateson anthropologue. In: BATESON, G. *La cérémonie du Naven. Les problèmes posés par la description sous trois rapports d'une tribu de Nouvelle-Guinée*. Paris: Éditions Minuit, 1986, pp. 5-31.
- HUMBOLDT, A. von. *Quadros da natureza*. Rio de Janeiro: W.W. Jackson, 1952.
- INGOLD, T. *The Perception of the environment. Essays livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000a.
- \_\_\_\_\_. An Anthropologist Looks at Biology. *Man*, 2(25): 208-229, 1990.
- INGOLD, T.; PALSSON, G. (Eds.). *Biosocial Becomings*. New York: Cambridge University Press, 2013.
- JORNAL DA USP. Relação de mutualismo entre figueiras e vespas tem nova fase revelada, 2018. <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/relacao-de-mutualismo-entre-figueiras-e-vespas-tem-nova-fase-revelada/>
- KIRKSEY, E. *Emergent ecologies*. Durham and London: Duke University Press, 2015.
- KOHLER, F. Antropologia e etologia: uma abordagem conceitual. *R@U*, 7 (1): 170-192, 2015.

KUAJARA, O. D. P. Cidade e meio ambiente: o Projeto Guaíba Vive. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, nº 20: 141-144, 1995.

LATOUR, B. *Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría Del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro, 2011.

LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra. Memória e ritmos*. Vol. 1 e 2, Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70, 1965.

LESTEL, D. Ethology and ethnology: the coming synthesis A general introduction. *Social Science Information*, 45(2):147-153, 2006.

\_\_\_\_\_. L'innovation cognitive dans des communautés hybrides homme/animal de partage de sens d'intérêts et d'affects. *Intellectica*, 1-2, 26-27: 203-226, 1998.

LOKSCHIN, L. X. et al. Power lines and howler monkey conservation in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. *Neotropical Primates* 14(2): 76-80, 2007.

LOWENTHAL, D. Past time, present place. Landscape and memory. *Geographical Review*, 65(1):1-36, 1975.

MA, W.J. et al. Coevolution of reproductive characteristics in three dioecious fig species and their pollinator wasps. *SYMBIOSIS*, 49: 87-94, 2009.

MAFFESOLI, M. *O Tempo das Tribos - O Declínio do individualismo nas Sociedades de Massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. O poder dos espaços de celebração. Rio de Janeiro: *Tempo Brasileiro*, nº 116, 1994.

\_\_\_\_\_. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Écosophie. Une écologie pour notre temp*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2017.

MALDONADO, S. C. (Org.). *Georg Simmel: sentidos, segredos*. Curitiba: Appris, 2011.

MATURANA, H. "Estratégias Cognitivas" In: MORIN, E; PIATELLI-PALMARINI, M. (orgs.). *A Unidade do Homem: invariantes biológicos e universais culturais*. São Paulo: Cultrix/EdUSP, v.II, 148-172, 1978.

- \_\_\_\_\_. Conhecer o conhecer. *Ciência Hoje*, 14(84): 44-49, 1992.
- MATURANA, H., VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases fisiológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, vs.1 e 2, 1974. [1950].
- MENEGAT, R.; PORTO, M. L.; CARRAO, C. C. (Org.). *Atlas ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MORAES FILHO, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- MORIN, E. *O enigma do homem. Para uma Nova Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MOORE, Jason W. (Ed.). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Oakland: Kairos Books, 2016.
- \_\_\_\_\_. El auge de la ecología-mundo capitalista (I). *Las fronteras mercantiles en el auge y decadencia de la apropiación máxima*. *Laberinto*, 38: 9-26, 2013a.
- \_\_\_\_\_. El auge de la ecología-mundo capitalista (II). *Las fronteras mercantiles en el auge y decadencia de la apropiación máxima*. *Laberinto*, 39: 21-29, 2013b.
- NEVES, A. A. O casarão dos Bernardes: um pedaço de Porto Alegre do século XX. In: VIANA, M. et al (Orgs.). *O historiador e as novas tecnologias – reunião de artigos do II Encontro de Pesquisas Históricas – PUCRS*. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do sul, 2015, pp.141-50.
- OLIVEN, R. G. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEREIRA, T. da S. *Ecologia Cognitiva e Forrageamento de *Alouatta guariba clamitans* Cabrera, 1940: Os Bugios Ruivos Possuem Mapas Mentais?* Dissertação de Mestrado/PUCRS, Porto Alegre, 2008, 100pp.

PÉTONNET, C. L'Observation flottante. L'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*, 22(4):37-47, 1982.

PICOLLI, L. (Coord.). *Plano Diretor de Arborização Urbana de Porto Alegre*. SMAM: Porto Alegre, 2007, 36p.

PORTO ALEGRE. *Diretrizes de Manejo da Reserva Biológica do Lami*. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Porto Alegre: 1979.

PRINTES, R. C. *Plano de Manejo Participativo da Reserva Biológica do Lami*. Porto Alegre: SMAM, 2002.

RABINOW, P. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.

RAPCHAN, E. S. Casas, espaços públicos e parques – o caso entre os macacos-prego e a cidade em Maringá. *Iluminuras*, 42(17): 350-371, 2016.

RAMBO, B. *A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*. In: Cadernos Documentos Históricos, nº 31, São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2005[1954], 39pp.

RECHENBERG, F. “Vamo falá do nosso Lami”: estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami, Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2007

ROCHA, A. L. C. da. *Le Sanctuaire de désordre: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*. Paris V, Sorbonne, 1994.

ROCHA, A. L. C. da.; ECKERT, C. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ROSE, D. B.; TSUMURA, Y. Flying Fox: Kin, Keystone, Kontaminant. *Mana*, 2(22): 175-190, 2010.

SANSOT, P. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris: PUF, 1979.

\_\_\_\_\_. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983.

\_\_\_\_\_. Mémoire collective et perdurances urbaines. Nîmes inondée. *Les Annales de la Recherche Urbaine*. 42: 5-10, 1989.

- \_\_\_\_\_. *Poétique de la ville*. Paris: Petite bibliothèque Payot, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Du bon usage de la lenteur*. Paris: Payot et Rivages, 2000.
- SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, H. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 32 (15):171-188, 2009.
- SILVEIRA, F. L. A. da. *As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. PPGSA/UFRGS, 2004.
- \_\_\_\_\_. Paisagens do Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico. *Antíteses*: Maringá, 7(14): 230-57, 2014.
- \_\_\_\_\_. As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. *Iluminuras*, Porto Alegre, 42 (17): 288-315, 2016.
- SIMMEL, G. *La tragédie de la culture*. Paris: Editions Rivage, 1988.
- \_\_\_\_\_. A Ponte e a Porta. *Política & Trabalho*. João Pessoa, 12: 10-14, 1996.
- SWYNGEDOUW, E. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”. In: ACSELRAD, H. (Org.). *A duração das cidades. Sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp. 83-104.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- UEXKULL, J. V. *Dos animais e dos homens*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1933.
- VELHO, G. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.
- \_\_\_\_\_. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, A. A. (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p.80-103.

ZUMTHOR, P. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

WAGNER, H. (Org.). *Fenomenologias e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Eds., 1979.

WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: COSAC NAIFY, 2010.

WUNENBURGER, J-J. A árvore de imagens. *Intexto*, Porto Alegre, 41:58-69, 2018.